

RAMÓN PASQUAL MUÑOZ SOLER

A CIÊNCIA FRENTE AOS CONFINES DO CONHECIMENTO

do “Todo -e- das Partes” como modelo reversível de síntese



Enfoque transdisciplinar do conhecimento -e- da vida

Curso realizado na
“Sociedade Científica Argentina”
2 a 30 de setembro de 1987

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO INTERDISCIPLINAR

APRESENTAÇÃO HOLOEPISTEMOLÓGICA DO TEMA

Ramón P. Muñoz Soler

*(Autor de “Germes de Futuro no Homem”, “Antropologia de Síntese” e
“Universidade de Síntese”, entre outros).*

Do princípio de contradição à reversibilidade de valores

APRESENTAÇÃO DO MESMO TEMA SOB A FORMA DE MODELOS HOLÍSTICOS DE APLICAÇÃO PRÁTICA

02/09 ***Eduardo Alberto Castro***

(Professor titular de Físioquímica da
Faculdade de Ciências Exatas da
Universidade de La Plata, Argentina)

**-Algumas reflexões sobre Física quântica
e expansão de consciência.**

09/09 ***Eva Sarka***

(Docente da Universidade do Centro da
Província de Buenos Aires. Coordenadora
da equipe pedagógica de informática e
educação).

**-Comunicação humana e pedagogia
sistêmica.**

16/09 ***Ricardo Bullrich***

(Professor do Ciclo Básico da Universidade de Buenos Aires. Introdução ao conhecimento e prática de projetos).

-A elaboração de projetos como instrumento de mudança.

16/09 ***Gustavo Loiseau***

(Arquiteto, investigador em arquitetura orgânica; participou em encontros de arquitetura orgânica em diferentes países)

-Arquitetura orgânica como resposta ao despertar de consciência do homem planetário.

23/09 ***Ramón Lema Araujo***

(Reitor do Instituto Municipal de Educação através da Arte (IMEPA) da cidade de Avellaneda. Criador das bienais nacionais e internacionais de arte infantil e juvenil, e dos encontros internacionais de educação através da arte.)

-Educação Através da Arte como instrumento de integração humana e identidade cultural.

30/09 ***Rosa Maria Germ***

(Coordenadora médica da “Fundação Prager-Bild”)

-Qualidade de vida e dignidade de morte.

“A Ciência Frente aos Confins do Conhecimento”

Apresentação Holoepistemológica do Tema

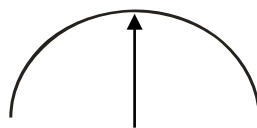
Ramón P. Muñoz Soler

Umas poucas palavras com respeito ao método que vamos utilizar neste curso. Eu assumirei a primeira parte de cada uma das reuniões, procurando manter a unidade do tema proposto (Holossíntese), e os demais colaboradores desenvolverão o mesmo tema, sob a forma de modelos holísticos de aplicação prática.

O tema que nos convoca é “A ciência frente aos confins do conhecimento”. Com este título se anuncia a chamada “Declaração de Veneza”, documento da UNESCO surgido de um Colóquio realizado na cidade de Veneza (março de 1986) do qual participaram 17 personalidades - entre elas, dois Prêmios Nobel - de quinze países representantes de diferentes regiões neoculturais e de disciplinas tão variadas como genética, medicina, bioquímica, física, poesia, filosofia, arte, cosmologia, os quais sentem como premissa fundamental, a necessidade de um diálogo transdisciplinar entre a ciência e as demais tradições culturais e espirituais da humanidade.

Diz a “Declaração de Veneza”: “O conhecimento científico, por seu próprio movimento interno, chegou aos confins a partir de onde pode começar o diálogo com outras formas de conhecimento”.

Porém, não só a ciência, mas toda nossa cultura chegou a uma fronteira crítica. Diz Henri Lefèbvre: “A cultura atual se encontra frente a uma muralha difícil de cruzar”.



E eu me animo a dizer que não somente chegamos aos confins do conhecimento e às fronteiras de nossa cultura, senão que começamos a reconhecer os limites de nosso próprio organismo humano, enquanto instrumento de investigação. A atual fragmentação de funções orgânicas (a inteligência por um lado, a sensibilidade por outro) impõem uma “barreira fisiológica” às possibilidades de percepção global da realidade.

Em resumo:

Limite da ciência.

Limite da cultura.

Limite do instrumento humano.

A pergunta que hoje nos formulamos, de mil maneiras diferentes, é

“como cruzar essa fronteira?”

Trata-se de uma “fronteira perigosa”. O desafio não é ideológico, é “vibratório”. não é uma questão de conhecimento ou de poder, mas de “identidade”. Saber se possui ou não o “código vibratório” adequado para cruzar esse umbral. É como o cartão BANELCO, uma “marca magnética”, algo muito sutil, um código invisível, mas suficiente para abrir a porta.

Por que digo que é uma “fronteira perigosa”? O que pode ocorrer frente a essa muralha?

A vida pode deter-se, muitos seres humanos morrem ali (são os que têm morta a alma e vivem ainda).

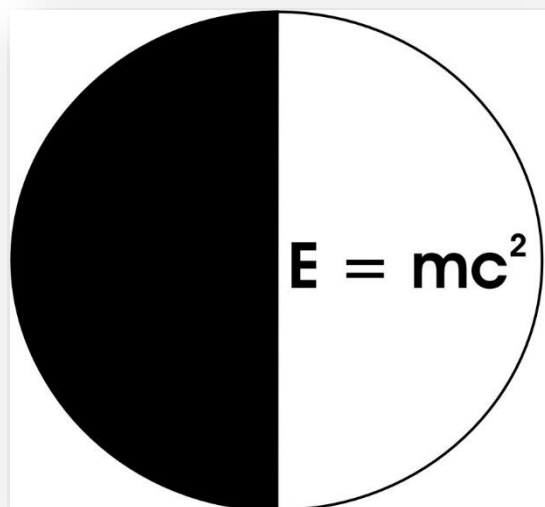
Pode-se olhar para atrás e ser transformado em uma estátua de sal (como a mulher de Ló).

Pode-se retroceder no tempo e ativar os sonhos do passado.

Muitas civilizações morrem ali, muitos povos perdem ali sua alma.

Temos alguma ciência que nos sirva de guia? Penso que não.

A ciência atual só nos dá “a metade da fórmula”.

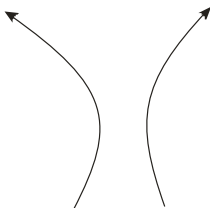


O conhecimento que hoje possuímos é um conhecimento fragmentado, dividido, útil para fins práticos, mas insuficiente para preencher o sentido da existência.

As ciências estão divididas, as universidades estão divididas em uma multidão de faculdades e carreiras, o corpo social está fragmentado em setores e castas, a civilização científico-técnica se separou da tradição espiritual da humanidade.

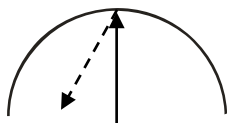
Porém, o mais grave, é que o próprio ser humano está dividido (o conhecimento se separou do ser, o sexo se separou do amor).

Em poucas palavras: o caminho do conhecimento se separou do caminho da vida.



O homem “logotécnico”, capaz de pôr seu pé em planetas longínquos, capaz de liberar a energia do átomo e de decifrar o código genético, não é capaz de resolver os graves problemas da fome, da desocupação, da contaminação do planeta e, o que é mais grave ainda, não toma consciência da degradação da própria vida humana.

Chegamos a uma fronteira do espaço humano e a uma in-flexão do tempo.



Certamente que alcançamos um elevado nível de desenvolvimento na evolução do homem racial, mas para seguir adiante, já não é suficiente uma nova filosofia da história, uma nova política ou uma nova teologia, mas uma nova “fisiologia”. Não uma nova organização, mas um novo “organismo”, um novo “corpo”, uma nova “geometria da vida”.

Até ontem apenas era suficiente um “ideal” para sustentar a vida. Hoje, é necessária a “vida” para sustentar o ideal.

Para realizar esta integração de valores materiais e espirituais precisamos recuperar “a outra metade da fórmula”, mas não em forma teórica e sim, “orgânica”. Como dizíamos há um momento, não através de uma nova filosofia, mas de uma nova “fisiologia” ou de uma “nova aliança” entre os valores da alma e a química da vida.

Esta “Aliança” de espírito / matéria acende um fogo “atômico” no coração do homem e libera uma “energia” até agora desconhecida: “energia co-evolutiva de liberação”.

Para pôr em marcha a civilização planetária do terceiro milênio, para conquistar a nova dimensão expansiva da consciência, para pôr os bens do conhecimento a serviço da vida, já não é suficiente a exploração dos recursos de uma natureza separada do

homem, senão que se requer descobrir a Natureza que está dentro do homem, isto é, a poderosa energia telúrico/cósmico/humana que está aprisionada na “matéria”. Em outras palavras, necessitamos ativar nosso próprio “combustível atômico”.

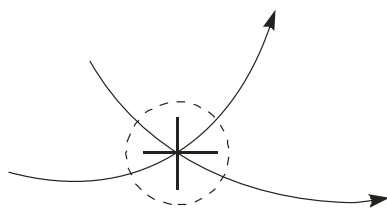
Uma coisa são os ideais. E outra coisa, muito diferente, é a realização efetiva desses mesmos ideais.

Júlio Verne nos antecipou, em ficção, a “Viagem à Lua”, mas até que não tivemos o combustível adequado para vencer a gravitação terrestre, não foi possível concretizar na prática a conquista do espaço cósmico.

Os místicos, por sua vez, nos falam da transcendência espiritual do homem, da “Subida ao Monte Carmelo” (na poesia mística de São João da Cruz) ou da ascensão através das diferentes “Moradas do Castelo Interior” (na pena não douta de uma Teresa de Ávila). Mas, todos os que subiram por essa “escada interior” nos deixaram como testemunho de vida a mesma mensagem de liberação: não é suficiente o ideal, a doutrina ou a crença, é preciso oferecer a própria “matéria” humana para sustentar a chama do espírito, “energia de Aliança”.

Esta “energia de Aliança”, que em Física quântica é reconhecida como “ressonância entre partículas” e em biologia molecular como “flutuações” de matéria/antimatéria/informação (Ilya Prigogine e sua escola), essa “energia de intercâmbio” tem sua correspondência analógica no campo de forças da humanidade de nosso tempo, em função de um “acontecimento paradigmático” que inicia a nova era planetária. Este acontecimento é a

**convergência entre a revolução científico-técnica
e a revelação espiritual.**



Nestes pontos de “encontro” entre correntes até agora separadas, emergem “configurações” da vida completamente novas:

Em meio a um “magma” social em desordem, aparecem aqui e acolá, novos “campos de ordem”.

Em meio a um tempo sem sinais, sem pontos de referência, se dão “encontros significativos”.

São todos “sinais”, em um mundo sem sinais (*Bilderlosigkeit*).

Estes pontos de cruzamento/flutuação, que Fritjof Capra (teórico de Física quântica) chama de “pontos de mutação”, são as primeiras estrelas visíveis na noite do mundo contemporâneo. A “ressonância” entre estes focos de expansão de consciência e radiação de energia (ressonância por similitude entre funções diferenciais) constitui as novas estruturas dinâmicas reversíveis, os protomodelos das formas orgânicas do futuro.

Tudo isto que estamos dizendo não parece fácil de captar, se não transcendermos os limites impostos pela estrutura reducionista de nossa mente racional. E isto é assim, porque a mensagem pós moderna não é conceitual, mas energético/simbólica.

Os que tiverem visto o filme argentino “*Homem olhando para o sudeste*” (livro de Eliseo Subiela) talvez se tenham dado conta da forma paradoxal como hoje irrompe a mensagem profética na trama complexa dos acontecimentos da vida cotidiana.

Algumas reflexões sobre a Física quântica e a expansão de consciência

Eduardo Alberto Castro

Física moderna e espiritualidade

Como diz a “Declaração de Veneza”: “o homem contemporâneo é hoje em dia, testemunho de uma significativa revolução no campo da ciência, produzida essencialmente pelas ciências básicas, Física e Biologia”. E acrescenta: “Os grandes desafios de nosso tempo (o risco da desapareção de nossas espécies, o impacto da revolução tecnológica de vanguarda, a irrupção violenta da era da informação, as implicações dos descobrimentos genéticos, o advento dos novos materiais, etc.) nos chamam à reflexão sobre as responsabilidades sociais da comunidade científica, tanto na investigação básica como nas consequentes aplicações concretas, e também na responsabilidade do cidadão comum na discussão destes e outros prementes temas de atualidade”.

As ciências fundamentais estão arraigadas no mesmo terreno onde crescem as questões que são comuns a cada área do conhecimento humano: Qual é o significado da vida? Qual é o papel que o homem desempenha no processo cósmico? Que lugar ocupa a Natureza no conhecimento? Vemos assim, que a ciência fundamental tem as mesmas raízes que a Religião, a Arte e a Ontologia.

Tudo isto levou ao homem a indagar com intensa ansiedade acerca da relação entre Ciência e Mística. E muitas respostas se deram, e diversas perspectivas foram emergindo, sempre na rota de encontrar vias unificadas, cosmovisões totalizadoras e modos integradores de resolver a questão humana.

Nosso propósito é manter-nos dentro do contexto temático introduzido, mas restringindo-nos a um aspecto determinado a fim de poder ser mais precisos e específicos, tanto na proposta como no subsequente desenvolvimento.

O aspecto a tratar é a relação entre a Física Moderna e a Espiritualidade. E assim, podemos perguntar-nos: existe alguma relação entre ambas? São duas formas complementares de estudar a realidade? Em que medida as descobertas de uma servem à outra? É plausível esperar uma síntese integradora?

Ciência e Mística

A ideia central desta palestra, e resumida proporcionalmente, é que a Física moderna não oferece suporte positivo algum, e muito menos provas definitivas e decisivas, para uma visão mística e espiritual do mundo. No entanto, os grandes físicos do princípio do século eram místicos.

Eles acreditavam simplesmente que se a Física moderna não põe objeção alguma à perspectiva mística, tampouco oferece suporte positivo algum. Mais concretamente, é indiferente com respeito a essas perspectivas.

Porém, se eles não obtiveram sua mística do estudo da Física moderna, de onde a obtiveram? E por quê?

Hoje em dia existe uma crença bastante generalizada, contrária ao acima exposto. Quer dizer, que a Física moderna automaticamente embasa e/ou prova a mística. Porém, isto não é assim. Se bem que esta errônea crença se estendeu ampla e rapidamente a partir de boas intenções, os resultados foram prejudiciais e daninhos.

Se a atual Física der suporte à mística, o que sucederá quando a Física do amanhã (que seguramente advirá) a substituir? Também a mística será substituída por outro? Isto não pode ser.

Como o físico (particulista) Jeremy Bernstein o expressou: “Se eu fosse um místico oriental, a última coisa que faria neste mundo seria buscar uma reconciliação com a ciência moderna, já que ligar uma filosofia religiosa à ciência contemporânea é a rota segura para sua obsolescência (da filosofia religiosa)”.

A mística genuína, precisamente na medida em que é verdadeira, é perfeitamente capaz de oferecer suas próprias provas (e eventuais defesas), suas genuínas evidências, suas próprias asseverações.

O fato de que os pais da Física moderna fossem, todos eles sem exceção, místicos, é verdadeiramente curioso. E pareceria que somos alcançados agora pelo mesmo espírito desses pioneiros, o qual os moveu a maravilhar-se com seus descobrimentos. E conste que, de modo algum eles pretendiam de ninguém que renunciasse a seu intelecto crítico, essa forma básica de ceticismo tão cara aos cientistas. E é que, através do emprego e aplicação sustentada desse intelecto (nem a emoção, nem a fé, nem a intuição) eles sentiram absolutamente a obrigação de ir além da Física. E assim, deixaram um traço bem delineado, claro e preciso para que pudessem segui-lo todas aquelas almas sensíveis.

De Sombras e Símbolos. Para além da Caverna.

Física e mística, mística e Física...

Durante estes últimos tempos apareceu uma multidão de publicações originadas por físicos, filósofos, psicólogos, teólogos, etc., com o propósito de descrever e explicar a extraordinária e reveladora relação entre a Física moderna (a mais dura das ciências) e a mística (a mais tenra das religiões).

Alguns dizem: “a Física e a mística estão se aproximando rapidamente de uma cosmovisão marcadamente comum”.

Outros acrescentam: “Física e mística (F e M) são aproximações complementares de uma mesma e única realidade”.

Os céticos afirmam: “Não, não têm nada em comum. Seus métodos, propósitos e resultados são diametralmente opostos”.

De fato, a Física moderna foi invocada para fundamentar e refutar o determinismo, o livre arbítrio, Deus, o Espírito, a imortalidade, a causalidade, a predestinação, o budismo, o hinduísmo, o cristianismo, o taoísmo.

De fato, em cada época se tentou usar a Física para provar e refutar o espiritual (fato esse que deveria ensinar-nos algo, além do fático e enunciativo). E assim, por exemplo:

Platão ensina que toda a Física não é mais que uma história possível, e que em última instância depende da evidência dos sentidos erráticos e subjetivos, enquanto que a verdade reside nas formas transcendentais que estão além da Física (isto é, na metafísica).

Demócrito, por sua vez, põe toda sua fé nos átomos e no vácuo, já que nada mais existe. Isto era terrivelmente negado e combatido por Platão, que desejava que todos os trabalhos de Demócrito fossem incinerados.

Quando a Física newtoniana afirmou seus princípios, os materialistas se basearam nela para provar que, como o Universo era obviamente uma máquina determinística, então já não havia lugar para o livre arbítrio, nem para Deus, Graça, intervenção divina, e/ou qualquer outra entidade que se vinculasse ao especificamente espiritual. Esta linha de argumentação, no entanto, não influenciou os filósofos idealistas, espiritualmente orientados. Eles apelaram para a 2ª Lei da Termodinâmica, a qual inequivocamente estabelece que o Universo decai continuamente e que isto só pode significar uma coisa: se o Universo decai, alguma vez algo ou o haveria levado a um estado superior. Então,

a Física newtoniana não prova a inexistência de Deus, pelo contrário, ela prova a absoluta necessidade de um Divino Criador!!!

Quando a Teoria da Relatividade entrou em cena, tudo se repetiu. O cardeal O’Connell, de Boston, preveniu todos os bons católicos que essa teoria era “uma tenebrosa especulação, destinada a produzir dúvidas universais acerca de Deus e da Criação, e que constituía uma fantasmagórica aparição do Ateísmo”.

Rabbi Goldstein, nas antípodas, anunciou solenemente que Einstein havia dado origem, nada mais nada menos, a uma fórmula científica do monoteísmo.

De igual modo, os trabalhos de James Jeans e Arthur Eddington foram saudados fervorosamente, desde os púlpitos em toda Inglaterra: “a Física moderna reafirma o Cristianismo em todos os seus aspectos”. O único problema era que Jeans e Eddington não estavam de acordo com essa resposta e, muito menos, coincidiam um com o outro.

Isto levou Bertrand Russell a opinar, conforme seu agudíssimo estilo crítico que: “Sir Arthur Eddington deduz a Religião do fato de que os átomos não obedecem às leis usuais da Matemática. E Sir James Jeans deduz o mesmo a partir do fato inegável de que, **sim** eles o fazem!

Hoje em dia, é comum estabelecer uma suposta relação entre a Física moderna e a mística oriental. A teoria do “boot-strap”, o teorema de Bell, a ordem implicada, o paradigma holográfico, o princípio de incerteza de Heisenberg, etc. supõe-se que constituam uma prova (e/ou a negação) da mística oriental.

No essencial, é a mesma história já contada antes. Muito se pode argumentar a favor e contra, mas o que realmente está claro, e além de toda controvérsia, é que o assunto em si mesmo é complexo e delicado.

Não seria uma boa ideia consultar os fundadores da Física moderna, o que é que eles pensavam a respeito? Quer dizer:

- a) a natureza da Ciência e da Religião,
- b) a relação, se é que existe alguma, entre Física moderna e Meditação transcendental,
- c) se a Física fundamenta as questões de livre arbítrio, Criação, espírito, alma, etc.,
- d) quais são os respectivos papéis de Ciência e Religião,
- e) se a Física trata da Realidade (com R maiúsculo) ou está limitada ao estudo de aspectos mais parciais (as sombras das cavernas), etc.?

Ainda quando existirem certas variações, todos os teóricos são unânimes em declarar que: “a Física moderna não oferece fundamento positivo algum à mística ou ao transcendentalismo, de qualquer variedade”. Lembrem-se de que todos eles foram místicos, de um tipo ou de outro, mas místicos afinal.

De acordo com suas opiniões, a Física moderna nem prova nem desaprova, nem suporta nem refuta, uma cosmovisão mística.

É verdade que existem certas similitudes entre ambas perspectivas, mas as mesmas, ainda que não fossem puramente casuais, são triviais em comparação com as vastíssimas diferenças entre ambas.

Tentar auxiliar e dar suporte a uma cosmovisão espiritual com dados emergentes da Física (nova ou antiga, dá na mesma) é simplesmente não entender completamente (ou entender mal) a natureza e a função de cada uma.

Einstein disse: “A moda atual de aplicar os axiomas da Física à vida humana, não é só um completo erro, senão que além disso, tem muito de reprovável e repreensível”.

Quando perguntaram a Einstein acerca da incidência da teoria da relatividade sobre a religião, este disse: “Nenhuma. A Relatividade é uma teoria puramente científica, e nada tem a ver com a religião”. Acerca do que, Eddington comentou muito sagazmente: “Naqueles dias, tinha-se que ser um expert em esquivar e evadir as pessoas que estavam convencidas de que a 4ª dimensão era a porta para o espiritualismo”.

Eddington possuía uma perspectiva profundamente mística, mas era terminante nesta questão: “Eu não sugiro que a nova Física prove a religião ou que ofereça base positiva alguma à fé religiosa. E, ainda mais, eu me oponho totalmente a essa tentativa”.

Schrödinger foi tão taxativo quanto Eddington: “A Física nada tem a ver com a mística. A Física parte da experiência cotidiana, à qual dá continuidade por meios mais sutis. Permanece afim com ela, não a transcende genericamente, nem pode ingressar em outro terreno. A tentativa de fazê-lo - opina - é simplesmente `sinistra´.

“O território, do qual a conquista científica é convidada a retirar-se, é declarado com admirável habilidade, como o terreno de jogo de algumas ideologias religiosas, que não podem usá-lo com proveito, devido a que o verdadeiro domínio da religião está além do alcance da explicação científica.”

Opiniões similares foram compartilhadas por Planck e Sir J. Jeans.

E não se pode argumentar que estes homens não conhecessem os escritos místicos do Oriente e do Ocidente. Não se pode dizer que, se houvessem lido “A Dança dos Mestres”, teriam mudado de opinião e declarado a Física e a mística irmãs fraternas. Que, se conhecessem mais detalhes da literatura mística, haveriam encontrado numerosas similitudes entre a Mecânica Quântica e a mística. Pelo contrário, seus escritos estão cheios de referências aos Vedas, aos Upanishads, ao taoísmo, ao budismo, a Pitágoras, Platão, Berkeley, Plotino, Schopenhauer, Hegel, Kant. Virtualmente, a todo o panteão dos filósofos perenes. E, ainda assim, opinavam da forma como apontamos.

Eles eram perfeitamente conscientes de que um princípio essencial da Filosofia Perene é que, na consciência mística, sujeito e objeto são um, no ato do conhecimento. E sabiam que certos filósofos declararam que o Princípio de Incerteza de Heisenberg e o princípio de correspondência sustentavam esta ideia, já que, a fim de que o sujeito conheça o objeto, deve “interferir” com ele. E isso provava que a dualidade sujeito-objeto estava transcendida (superada) pela Física moderna. **Nenhum deles acreditava nesta afirmação.**

O seguinte argumento serve para ordenar as coisas. A experiência mística central pode ser descrita como segue: na experiência mística, a Realidade é apreendida direta e imediatamente sem mediador algum, nem elaboração simbólica nem conceitualização nem abstração nenhuma. Sujeito e objeto se fazem um, em um ato além do tempo e do espaço, que supera toda forma de mediação. Os místicos falam de contato da Realidade em sua totalidade, mesmidade, completitude, etc., sem intermediários, para além de palavras, símbolos, pensamentos, imagens e denominações.

Agora, quando o físico olha a realidade quântica (relativista ou não), não está observando as coisas nelas mesmas, o que elas são em si mesmas (*númeno*), a realidade direta e não mediada. O físico está observando um conjunto de equações diferenciais marcadamente abstratas, não a própria realidade. Observa símbolos matemáticos que representam (de melhor ou pior modo) a realidade.

Disse-o Bohr: “Deve-se reconhecer que estamos tratando com um procedimento puramente simbólico. Por isso, nossa visão espaço-temporal do fenômeno físico depende, em última instância, destas abstrações”.

Jeans foi mais específico: “Nunca podemos compreender o que são os acontecimentos, mas limitar-nos a descrever os conjuntos de eventos em termos matemáticos. Nenhum outro objetivo é possível. Os físicos que tentam entender a natureza podem trabalhar em muitos campos diversos e com grande variedade de

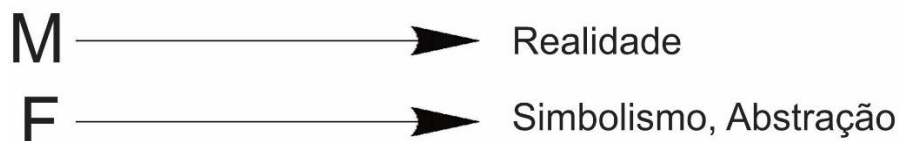
métodos. Um pode cavar, outro semear, outro segar, outro colher. Porém, a colheita final sempre será um feixe de fórmula Matemática. Elas nunca poderão descrever a própria natureza. Nossos estudos nunca podem pôr-nos em contato com a realidade”.

Papel e significado no emprego de modelos

Que absoluta, radical e irreversível diferença com a mística!

Supor que existam similitudes significativas em Física e mística implica afirmar que a mística é fundamentalmente uma nova abstração simbólica, pois é totalmente certo que a primeira o é. E isto representa uma grande confusão.

Observe-se como tudo isto nos leva a avaliar diferentemente as coisas:



Em outros termos: a Física trata com o mundo das sombras (símbolos), e não com a realidade que impera para além da caverna (mas, a mística sim, trata dessa outra Realidade).

Porém, como é então que os pais da Física moderna eram místicos? Obviamente aqui existe algo substancial! E isto não se vincula com uma cosmovisão compartilhada, nem com uma similitude de propósitos ou resultados. Então, o que os impulsionou a ir além das sombras? E o que lhes ensinou a nova Física, que não a velha Física não continha?

O ponto é que agora, os físicos são conscientes de que estavam tratando com sombras (isto é, com símbolos) e não com a própria Realidade. Já Demócrito havia falado desse caractere, mas só agora se é plenamente consciente disso.

E esta limitação da Física foi o que conduziu a retroceder ao centro da consciência humana para cognoscer mais e melhor, e ir além do condicionado mundo das sombras.

Uma análise mais cuidadosa

Passemos a uma análise mais detalhada das relações entre Ciência e Religião, suas respectivas naturezas, métodos e domínios. Em primeiro lugar, definimos a Ciência e para isso temos diversas opções, de acordo com as quais se pode ou não assimilar a Religião como Ciência. Antes disto, é da maior relevância distinguir entre método e domínio da Ciência.

Método da Ciência: refere-se às maneiras ou meios que, independentemente da definição de Ciência que adotemos, esta (a ciência) coleciona fatos, dados e/ou informação, e se aplica para confirmar ou refutar proposições em relação àqueles dados.

Em outras palavras, o método se refere aos modos nos quais a Ciência se arruma para desenvolver conhecimento.

Domínio da Ciência: se refere aos tipos de acontecimentos ou fenômenos que são, ou podem chegar a ser, objeto de investigação.

Ou seja, que o Método se refere à epistemologia da Ciência, enquanto que o Domínio à sua ontologia.

Em vez de perguntar um tanto vagamente - o que é Ciência? - coloquemos melhor as perguntas - o que é um método científico? - o que é um domínio científico?

Método científico: é um procedimento para adquirir (obter) conhecimento, onde as hipóteses são provadas (instrumental ou experimentalmente) com referência à experiência (dados) que são potencialmente públicos ou abertos a (possíveis de) repetição (confirmação ou refutação), por parte de colegas (especialistas). Em termos mais simples: o método científico inclui aquelas afirmações possíveis de validação ou

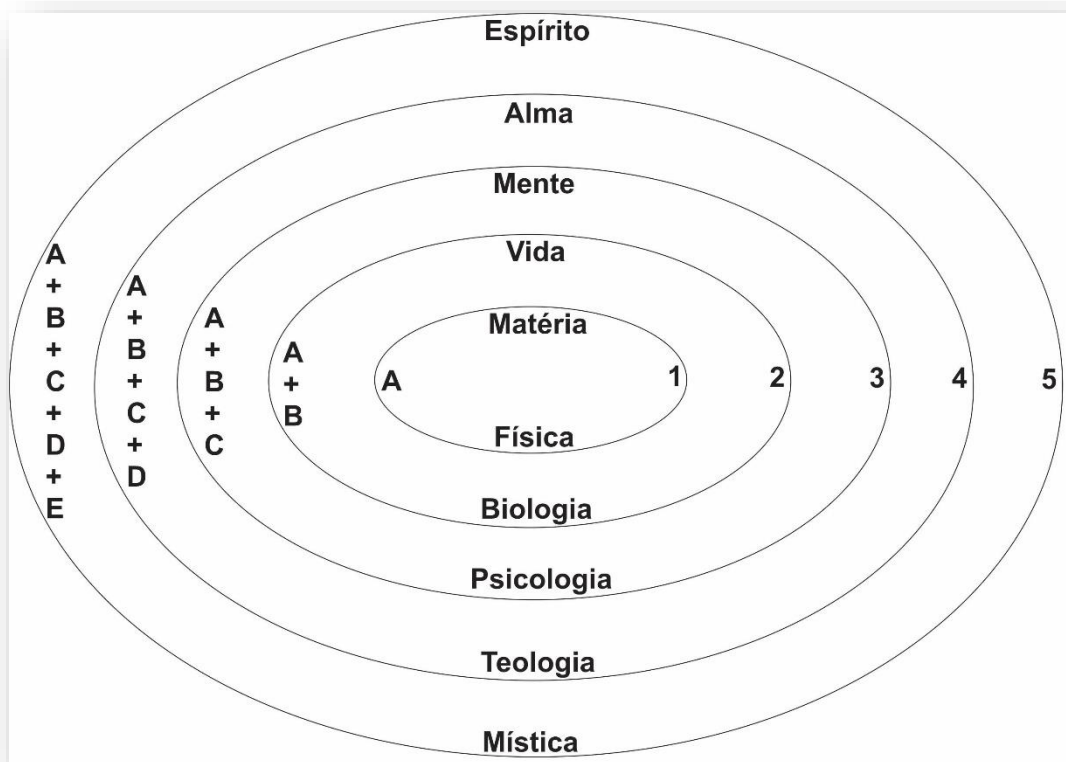
refutação experimental. Observe-se que nada se diz do Domínio (!), e se pode aplicar a qualquer terreno onde se cumpram as condições prescritas.

Uma consequência disto é que a linha divisória entre o científico e o não-científico não coincide com aquela que separa o físico do metafísico.

A linha divisória se encontra entre o experimentalmente possível de ser comprovado, daquilo que não o é (o meramente dogmático). O primeiro está exposto à confirmação ou refutação, baseando-se na experiência aberta, enquanto que o segundo se baseia em algo tão raso, como por exemplo: “é assim porque Eu (o quem quer que seja) o digo”.

Se a Ciência estivesse restringida ao sensorial (domínio composto por objetos capazes de registro sensorial físico), então a Matemática, a Lógica, a Psicologia e a Sociologia não poderiam ser chamadas de Ciências, devido a que os elementos centrais de sus respectivos domínios são não-sensoriais, não-empíricos, não-físicos e ainda metafísicos.

Agora nos perguntamos, a que domínios é aplicável o método científico? Antes de analisar este ponto, nos perguntamos: quais são os domínios existentes? Ou seja, que ontologia aceitaremos? Sem entrar em detalhes, adotaremos a assim chamada “Grande Cadeia do Ser”.



Os números se referem aos níveis. As letras, já veremos. Com os termos matéria, vida e mente não há problemas. Por domínio da alma entenderemos o campo das formas platônicas, os arquétipos, formas angelicais, etc. Neste campo, persiste a dualidade sujeito-objeto. A alma apreende o ser e comunga com Deus, mas ainda fica uma fronteira irreduzível entre ambos. No nível 5 (campo do Espírito) no entanto, a alma é o grande Ser, em um estado não-dual de intuição radical e suprema identidade, conhecido com as denominações de gnose, *nirvikalpa*, *satori*, *kensho*, *jñana*, etc.

Não vamos discutir o termo espírito, pois isso levaria a sérias dificuldades semânticas e a paradoxos inevitáveis. Simplesmente diremos que é, ou seja, está além de toda qualificação e caracterização.

Observe-se que cada nível da “Grande Cadeia” transcende inclusive os níveis anteriores, daí a hierarquia constitutiva da mesma. Também se deve prestar atenção ao lugar que corresponde ao Espírito (transcendente e imanente). Quando nos referimos

ao aspecto transcendente (nível 5) anotamos espírito, e ao referir-nos ao aspecto imanente o faremos como Espírito.

O que entendemos por Religião? É aquela que tem acesso e trata dos níveis 4 e 5 (especialmente 5).

E nos perguntamos, neste sentido, os fenômenos religiosos podem constituir um domínio próprio para o método científico? A resposta é afirmativa!!

Então, o que fica do conflito entre Ciência e Religião?

A confusão entre as escalas mostradas (isto é, domínio e método) faz com que se associe ciência ao baixo (nível 1) e genuíno, e a religião significa “elevado e subjetivo”. Obviamente, esta batalha não pode **jamais** ser resolvida, já que ambos lados possuem parte da verdade a seu favor. Não há batalha (enfrentamento) possível entre as dimensões superiores e inferiores da realidade (já que a 1^{ra} transcende inclusive a segunda).

Porém, sim existe um real enfrentamento entre conhecimentos genuínos e os que não o são. E este enfrentamento se dá em todos os níveis (1-5) e concerne às asseverações que podem, aberta e livremente, serem testadas via experiências adequadas, contra as que são dogmáticas e não verificáveis ou refutáveis.

O enfrentamento se dá então, não entre Ciência e Religião, mas entre o genuíno e o falso. De acordo com isso, pode-se falar de uma aliança entre a ciência genuína e a religião genuína, contra as asseverações pseudocientíficas sem embasamento experimental, e justificando-se somente em declarações dogmáticas.

Os métodos das ciências espirituais são os mesmos que os das ciências físicas?

Sim e Não.

Sim, no sentido de que o critério metodológico essencial é idêntico para todas as ciências genuínas (isto é, todas as declarações de conhecimento, em última instância, devem ser estabelecidas com base na experiência direta).

Não, no sentido de que cada domínio possui características bastantes diferenciais, e a aplicação concreta do método científico adota em cada domínio formas próprias e afins a tal domínio.

Assim, temos uma unidade na diversidade do conhecimento: unidade nos critérios metodológicos que conduzem a uma unidade de conhecimento, subjacente à diversidade de fenômenos.

Existem paralelos significativos entre os fenômenos emergentes da Física e aqueles próprios da Mística?

Nisto, queremos discutir as descobertas, resultados, dados e fenômenos da Ciências Físicas e Místicas, e desejamos indagar se eles possuem em comum (compartilham) traços paralelos significativos.

A resposta é não (ou, no máximo, só alguns aspectos triviais). E isto já foi apontado no início.

Se por atividade mística central significarmos experiência e conhecimento direto do campo espiritual, então existirão alguns tipos de paralelismos entre as descobertas da Física e da mística, simplesmente porque podemos esperar algum tipo de similitudes, ainda que magras e escassas, entre os níveis 1 e 5. No entanto, essas similitudes são mais triviais, visto a abismal diferença de dimensões de Ser. Superdimensionar e acentuar esses paralelismos convida a alcançar uma total confusão dos dois domínios (seus objetivos) em questão.

Os paralelismos, difundidos de modo popular, usualmente terminam em afirmações desse tipo: “todas as coisas se encontram mutuamente interrelacionadas de um modo holístico”.

Se esta afirmação não é absolutamente incorreta, ainda é trivial. Em particular, as coisas não estão mútua, simétrica e equivalentemente relacionadas, já que no campo da manifestação, as relações simétricas e hierárquicas são tão importantes quanto as mútuas e equivalentes. Exemplo: o tempo.

Porém, se chegasse a ser certo, não nos diz nada novo, pois a Física newtoniana já diz que tudo no universo está relacionado com tudo, por uma ação instantânea, à distância (sic. conceito holístico).

Porém, não é que a Física e a mística são simplesmente dois modos diferentes de aproximar-se da mesma realidade subjacente?

-Resposta: Não₁, Não₂, Sim e Não₃.

Se por realidade subjacente queremos significar espírito (nível 5), então:

1) Física e Mística não tratam com a mesma realidade, mas com dois níveis muito diferentes (ou dimensões) da realidade, confusão esta, que deve ser evitada a todo custo.

2) Se por Realidade se quiser significar Espírito em um sentido imanente, então não é possível estabelecer comparação nenhuma e só cabe estabelecer que, quando não se pode nem se deve falar, então deve-se permanecer em silêncio.

3) Se por Realidade subjacente se entender a Totalidade de cada coisa que é, então obviamente Física e Mística são partes ou aspectos da Totalidade, e tudo o que se pode conseguir é “inventar” uma tautologia trivial. E se bem que

isto, em uma certa medida, produza um impacto em muita gente, quando se investiga em detalhe, só conduz a afirmações científicas espúrias (ou falsas), que fundamentam supostas verdades místicas. As quais, a longo prazo, não beneficiam nem a genuína Mística nem a verdadeira Ciência.

4) Finalmente, se por “uma realidade subjacente” se quiser significar explicitamente **Espírito**, então se está atribuindo a qualidade peculiar de mesmidade ao **Espírito**, o qual não é uma maneira adequada de entendê-lo.

E precisamente esta é a atribuição que constitui a base do considerável êxito da literatura popular sobre o acoplamento de Física-Mística. Quando o rei Carlos II foi indagado para que explicasse a extensa popularidade de um predador muito medíocre, respondeu:

“Suponho que sua falta de sentido e carência de rigor se adequa à deles (suas escutas)” (Sic!)

Alguns esclarecimentos adicionais ao diagrama apresentado

Na “Grande Cadeia”, cada nível transcende e inclui o anterior. Assim, o 1 é representado por A, o 2 por A+B, etc.

Existem mais paralelos significativos entre 1 e 2 ou 2 e 3, que entre 1 e 4 ou 2 e 5. A Física encontrou 4 forças essenciais (ou primárias): gravitacional, magnética, nuclear forte e nuclear fraca.

No nível 2, a estas são acrescentadas outras: capacidade motora, instintos, desejos, etc. e assim vão se somando outras, à medida que subimos de nível.

Existe um esforço para tentar isolar e caracterizar alguns traços comuns a todas estas forças, coisa que demanda máximo cuidado. E as tentativas foram falidas ou deu-se lugar a generalizações triviais, ainda que corretas (por exemplo, em cada nível

existem forças de atração e repulsão, relações simétricas, etc.). Acontece que, para cada nível superior, na medida em que transcende seus predecessores, não tem paralelos com eles, visto que é “emergente, criativo, novo, transcendente”, com respeito a eles.

Em suma, não importa como se corte o bolo ontológico, as descobertas da Física e da mística têm muito pouco em comum. E só podem ser consideradas algumas tautologias triviais, que ambas afirmam constituir e afirmam tratar de aspectos diferentes de uma mesma realidade.

No entanto, a interdisciplina é útil e necessária, e nesse sentido, vale esse esforço de compatibilizar a Física com uma cosmovisão mais ampla, ou seja, nem confirmar nem refutar, mas simplesmente não contradizer. Porque é arriscado o matrimônio (forçado) entre Física e Mística:

- 1) Confunde afirmações finitas e relativas com verdades eternas e absolutas.
- 2) Induz à crença de que, para chegar a uma consciência mística, tudo o que faz falta é aprender uma nova visão do mundo. E, se Física e Mística são simplesmente (e somente) duas aproximações diferentes de uma mesma realidade, para que ocupar-se e concentrar-se em anos de árduo trabalho espiritual para alcançar a Iluminação?
- 3) A grande ironia em todo este assunto é que a aproximação é profundamente reducionista.

Ruptura de Simetria e Sinais de Convergência

Ramón P. Muñoz Soler

Vamos fazer um resumo do que foi dito e comentado na primeira reunião.

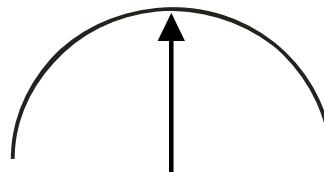
Começamos destacando o valor da convocatória da UNESCO, através do documento chamado **“Declaração de Veneza”**:

“O conhecimento científico, por seu próprio movimento interno, chegou aos confins de onde pode começar o diálogo com outras formas de conhecimento”.

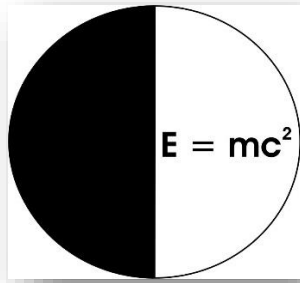
E, com base nesta apreciação da realidade científica e cultural, por parte de destacadas personalidades mundiais, nós sinalizamos, com alguns conceitos-síntese e umas poucas imagens, o desenvolvimento da atual civilização científico-técnica e suas possibilidades de salto qualitativo para o porvir.

Estes referentes simbólicos para uma “carta humanográfica do futuro” são os que enumeramos a seguir:

- “uma barreira difícil de cruzar”



- “a metade da fórmula”

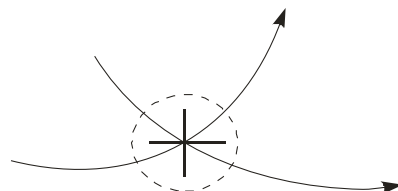


- “paradigma de fragmentação”



- “signo do tempo”

- “sinais de convergência”



Recordemos brevemente cada um destes aspectos.

O que quer dizer “**uma barreira difícil de cruzar?**”

- Quer dizer que chegamos aos limites do instrumento.

O que quer dizer **“a metade da fórmula”**?

- Quer dizer que conhecemos as leis do universo, mas nos faltam as leis do homem.

“Paradigma de fragmentação”

As ciências estão divididas, as universidades estão divididas, a sociedade está dividida, o próprio ser humano está dividido.

Temos o conhecimento das partes, mas perdemos a visão do todo.

O professor Eduardo Castro pôs especial ênfase na separação que ele percebia entre a “mística” por um lado e a “ciência” por outro. E, referindo-se especialmente à Física, disse-nos que “a Física atual não oferece nenhum suporte para uma cosmovisão religiosa do Universo”. E questionou as tentativas de “unificar” estes dois domínios com base em “analogias”, “comparações” ou “extrapolações arbitrárias” (como as realizadas por alguns investigadores, entre os dados da Física moderna e alguns princípios das filosofias orientais, ou entre o princípio de complementariedade de Bohr e o símbolo “Yin-Yang” que na filosofia chinesa indica a distribuição e o equilíbrio das forças cosmológicas do Universo).

Isto que diz o Professor Castro, e que, por outro lado, é compartilhado por destacados pensadores, cientistas e filósofos, não faz mais que pôr em evidência a forte influência do “paradigma de fragmentação”, na mentalidade do homem contemporâneo. Marco teórico que não só mostra as limitações da ciência para uma visão global da realidade, mas também as limitações da mística para uma cosmovisão unificadora do conhecimento e da vida. Como diz muito bem Fritjof Capra, em seu livro “O Tao da Física”, citando um antigo aforismo chinês: *“Os místicos conhecem as raízes do Tao, mas não seus ramos; os cientistas conhecem os ramos, mas não suas raízes”*.

O que, dito de outra maneira:

Os místicos chegam à visão intuitiva do Todo, mas não têm linguagem para articular a potencialidade desse Todo com a multiplicidade de aspectos nos quais se manifesta a vida do Universo.

Diz São João da Cruz:

*“Para venir a gustarlo
todo, no quieras tener
gusto en nada. Para
venir a poseerlo todo,
no quieras poseer algo en nada”.*

Os cientistas, por sua vez, chegam ao conhecimento exaustivo das partes, mas quando querem formular equações de campo unificado e abarcar o Todo, devem deter-se a meio caminho porque, para isso, teriam que introduzir em suas equações, valores qualitativos. O que vai contra suas próprias premissas.

Em poucas palavras: os místicos, para salvar o Todo, têm que negar as partes (negam o desenvolvimento, negam a evolução). Os cientistas, para salvar as partes, negam o Todo (negam o Transcendente).

O que quer dizer tudo isto? Quer dizer que o “paradigma de fragmentação” não pode ultrapassar seus próprios limites e que, mais que aos limites da ciência ou aos limites da mística, chegamos aos limites do instrumento.

Para cruzar o abismo entre ciência e mística, entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida, mais que de uma nova ciência, uma nova filosofia ou uma nova religião, necessitamos de um novo “órgão” do saber, uma nova “sensibilidade cósmica”, uma nova “linguagem” para traduzir a experiência unitiva da alma, na multiplicidade de formas da vida.

Onde encontrar os pontos de apoio para este salto, para uma nova dimensão do desenvolvimento humano?

“Signo do tempo”

Qual é o signo do tempo em que estamos vivendo?

É um tempo sem sinais, sem imagens de referência (*“Bilderlosigkeit”*). Nossa civilização técnica perdeu a imagem do mundo.

Diz Octavio Paz em sua obra *“O arco e a lira”*:

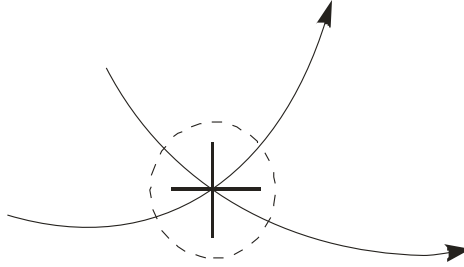
“As obras do passado eram réplicas do arquétipo cósmico, no duplo sentido da palavra, cópias do modelo universal e das respostas humanas ao mundo, rimas ou estrofes do poema que o mundo se diz a si mesmo. Símbolos do mundo e diálogo com o mundo: o primeiro, por ser reprodução da imagem do universo; o segundo, por ser ponto de intersecção entre o homem e a realidade exterior...”

As construções da técnica - fábricas, aeroportos, usinas de energia e outros grandiosos conjuntos - são absolutamente reais, mas não são presenças. Não representam: são signos da ação e não imagens do mundo” (*O arco e a lira*, Pág. 262).

Como aceder a uma nova imagem do mundo? Não é por via de “construção”, mas por via de “revelação”. Não por especulação teórica acerca dos símbolos arquetípicos cósmicos, constelados no novo signo do tempo.

A irrupção de uma nova energia espiritual na trama de nosso tempo se revela por um conjunto de sinais de convergência.

“Sinais de convergência”



Um paradoxo. neste deserto existencial em que penetramos (solidão cósmica, vazio interior, perda de sentido), e neste tempo sem sinais, em outras palavras, nesta “noite escura” da alma e do mundo, aparecem as primeiras estrelas, são “sinais de convergência”, uma nova configuração de signos.

A nota chave de nosso tempo é a

Convergência entre a revolução científico-técnica e a revelação espiritual.

Convergência entre a sensibilidade intuitiva e o pensamento científico.

Trata-se de “contatos” de “ressonância por similitude entre funções diferenciais”.
Como se manifestam e como se reconhecem estes novos sinais?

A nível “epistemológico”, manifestam-se sob a forma de um novo paradigma, “paradigma holístico”, configuração do Todo-e-as partes.

A nível “fisiológico” (a vida profunda, a biologia molecular) se reconhece como “estruturação dinâmica de valores materiais-e-espirituais”, uma nova geometria da vida.

Como vão sendo tecidas estas novas configurações do conhecimento-e-da vida na trama complexa do mundo contemporâneo?

- Através do diálogo entre os sábios e os santos.
- Através do diálogo “logotécnico” entre o homem e a máquina (interação entre a fisiologia humana e os circuitos logocibernéticos).
- Através do diálogo de amor transcendente entre o homem e a mulher.
- Através do diálogo transdisciplinar e transcultural.
- Através do sacrifício coletivo.

Só direi umas poucas palavras acerca do encontro (“ressonância por similitude”) que hoje se dá entre pensadores, cientistas, filósofos e artistas nos altos cumes da inteligência, da poesia e do amor. Para isso transcreverei alguns parágrafos dos diálogos entre Einstein e Tagore (1930), e entre David Bohm e Krishnamurti (1976).

Einstein-Tagore

(Ver: Ilya Prigogine, “*Tan solo una ilusión*”, Tousquets, 1983, Pág. 39)

Einstein: O sr. acredita no divino, isolado do mundo?

Tagore: Isolado não.

Einstein: Se o homem não existisse, o Apolo de Belvedere já não seria belo?

Tagore: Não.

Bohm-Krishnamurti

(Ver: “*The Awakening of Intelligence*”, J. Krishnamurti, Avon, 1976, Pág. 477).

Krishnamurti: A inteligência está fora do tempo?

Bohm: Porém, o pensamento deve estar relacionado com a inteligência.

Krishnamurti: É assim mesmo? Eu penso que não há relação entre eles.

Método

Os presentes, 60 pessoas, reúnem-se em grupos de 10, em círculos. Em cada grupo, é lido e comenta-se um texto, sobre temas de educação. No final, cada um expõe em voz alta o que compreendeu e Eva escreve na lousa os emergentes da leitura.

Eva (emergentes)

1. Creio que este seja o ponto essencial: quais são os valores a serem cultivados na escola oficial?

“na escola”

2. Outro ponto proposto é a diferença entre educação, formação e instrução.

“instrução/informação”

3. O conceito de que a verdadeira educação está relacionada com a mudança... a mudança contínua...

“o que é mudança?”

“mudança contínua”

4. Indica o que foi a revolução industrial e o que é agora a revolução técnica. Diz se estamos vivendo ou sobrevivendo, em uma sociedade de mudança. mudança porque somos invadidos pelos

“Mudança porque somos invadidos?”

produtos da criatividade humana - ou porque esta criatividade humana, devido a seus produtos, estendeu seus sentidos e seus neurônios “observando” o invisível? E conclui dizendo que o paradoxo está instalado.

“brecha de desenvolvimento”

“paradoxo”

5. Eu acredito que a educação - a formação - deve partir do mais profundo de cada um dos educadores, ou seja, que a finalidade deve ser encontrarem-se de igual para igual, uma pessoa com a outra. Tem-se que chegar ao outro através do coração. Creio que essa seja uma das bases principais.

Mas, foi isso o que emergiu da leitura?

6. Claro, falou-se desse ponto de vista, falou-se de uma nova linguagem do afetivo... Se deixarmos um pouco de lado a soberba e pusermos a humildade para fazer as coisas, penso que com isso vamos encontrar o caminho correto para onde queremos ir.

Perfeito. Posso escrever “afetividade”?
- Sim.

“nova linguagem”

“soberba/humildade”

7. Surgiu a diferença entre conhecimento e sabedoria. A soma dos dados não supõe mais

“conhecimento/sabedoria”

informação, nem a soma de informações supõe mais saber.

8. Outra coisa vista foi a exploração em massa do conhecimento e a incapacidade em enfrentar isso... isto é, a saturação da informação.

“velocidade de informação”

“saturação de informação”
(os cientistas a chamam de
“poluição de informação”

9. Destaca as mudanças produzidas na significação do espaço, os espaços foram ampliados, os jovens viajam e conhecem outros países, outros costumes, outras linguagens – e isso é sumamente formativo. Através da geografia, dos livros e de todos os meios de comunicação, o mundo se torna menor, na medida em que aumenta a velocidade. O conhecimento se acelera rapidamente e logo fica deslocado: o que ajuda enormemente são as tendências interdisciplinares – um apoia o outro... existe uma tremenda expansão de consciência.

Somente devido às viagens?

“espaço/tempo”

“aceleração do tempo e redução do espaço”

10. É evidente a angústia produzida pela aceleração do processo de mudança e a massa de informações

que ele gera. Falta um sentido diretamente criativo na educação, e o ideal seria transformar a massa, a massa crítica que será gerada pela educação.

“criatividade”

“massa crítica”

11. Eu acredito que, para além do que estamos lendo, dou-me conta da relação produzida no grupo, entre as pessoas, apesar de que não nos conhecêssemos. E percebi que todos estávamos enxergando mal, porque estávamos olhando para o conhecimento que o documento poderia nos trazer, mas não tentando ver algo novo.

Aqui há um jovem, de quem cortei a palavra.

12. Aqui, propõe-se um pouco a questão de para onde se orienta o caminhar geral da Humanidade. Porque, por um lado, se propõe a possibilidade de conformar uma cultura ideal, uma cultura cósmica, sem fronteiras geográficas, uma cultura integrativa ou de síntese. E por outro lado - a referência concreta é o desenvolvimento tecnológico do Japão

“ver algo novo”

“cultura universal ou cultura particular”

- a possibilidade de apontar para uma cultura regional que possa ser aplicada às necessidades concretas de cada povo. Então, a pergunta é: qual seria a estratégia em termos de Educação – cultura cósmica, integrativa, de síntese, ou teríamos que nos virar com o aqui e agora, e assumir os problemas concretos que temos?

1. O parágrafo que comentamos se refere à atitude frente à mudança. Enquanto que no adulto, costuma ser de temor (medo da mudança), as crianças têm mais flexibilidade, encontram-se mais dispostas. E o outro ponto é com respeito à informática. Diz que, se bem que neste momento estejamos um pouco deslumbrados por esse “brinquedo novo”, lá na frente nos servirá para ter um acesso mais direto à informação. E as crianças terão mais tempo para desenvolver sua potencialidade criativa.

Sim, certamente!

Não.

“cultura ideal, cósmica, ou cultura concreta”

“medo da mudança”

E, por que não também para nós, os adultos?

Neste capítulo, destaca-se que se fosse só a busca do conhecimento, seria deixada de lado a habilidade manual, as habilidades adquiridas pela raça. E é feita uma chamada de atenção, sobre a incapacidade de educar fora do sistema burocrático - ao qual se reduz habitualmente a educação, na qual não conhecemos o sentido do que estamos fazendo (é dado o exemplo da matemática, onde nos ensinam a adicionar ou subtrair, sem dar a isso um sentido). Isto é, desembocamos em um sistema burocrático, no qual o objetivo final da educação foi perdido em seus meios.

2. No parágrafo que comentamos, é destacada a dicotomia entre a escola e a criança. Produz-se uma perda. Faz falta que escutemos as crianças. Elas captam a dicotomia. Se dialogarmos com elas, vamos ter a possibilidade de educar-nos juntos, as crianças e os adultos.

Por que a Educação lhe sugere ser só para crianças?

“conhecimento intelectual
/trabalho manual”

“sistema burocrático”

“processo de aprendizagem”
“educar-nos juntos”

Eva

Vejamos um pouco estas categorias “espaço / tempo / conhecimento”, como os caminhos que vão nos permitir entrar nesta síntese que estamos tentando construir. A qual, não é, absolutamente, nem uma teoria nem uma conclusão fechada. Porque, afortunadamente, deixamos de acreditar nas conclusões fechadas. Causa-nos assombro o que está ocorrendo. Então, estamos tentando ver realmente, que tipo de potencialidades temos ocultas e quais são as que deveríamos começar a desenvolver ou fazer emergir, para que possamos ler a realidade com novos códigos, novas maneiras de comunicar-nos com essa realidade e não somente vê-la, razãoar e tirar conclusões demasiado rigorosas através de leis, hipóteses, ou de “modelos” (como dizia o Dr. Muñoz Soler), nos quais, de repente, quando armamos um belo modelo, com seus maravilhosos objetivos, com todos os seus conteúdos - modelo do sistema educativo, por exemplo com seu sistema de avaliação - nos vangloriamos vendo os objetivos educativos que com tanta clareza pudemos descrever. E, quando pomos o modelo em contato com a realidade, este modelo desmorona. Mas, nós não dizemos que este modelo desmoronou, senão que a realidade não respondeu ao modelo. E então, o tema fundamental é, evidentemente, como dizia muito bem o jovem, o ponto de mira com que observamos essa realidade, o que devemos modificar. Porém, o ponto de mira qual é? Agora, vamos aprender que há só um ponto de mira? Não, cada um de nós tem um ponto de mira, por isso, vocês foram construindo isto comigo. Seguramente, cada um de vocês o viveu de maneira diferente. Mas, mesmo assim, a partir de onde o disseram? Disseram-no a partir de seu ponto de vista, de sua experiência, de sua necessidade, inclusive a partir de sua ignorância sobre alguns pontos.

Claro, o “espaço”, é certo que hoje em dia pode perfeitamente ser cruzado, podemos dar a volta a nosso mundo em 90 minutos (um satélite dá essa volta em 90 minutos e nos traz imagens de todos os pontos do mundo). Já não vamos de navio, de avião, senão que temos outro meio. Porém, vejam, que coisa mais incrível: a informação

nos chega em tempo real. O que quer dizer, em tempo real? Pode me chegar aqui, neste momento, uma informação atualizada sobre o que está acontecendo no outro extremo do mundo.

De modo que, evidentemente, algo está acontecendo. E está acontecendo conosco, porque não podemos compreender o significado desta mensagem que nos trazem, porque o que estamos fazendo é traduzir a mensagem, de acordo com nossas possibilidades atuais, as quais, evidentemente, descobrimos que são obsoletas. Mas não encontramos a maneira de poder lê-la adequadamente.

O “tempo”, ou claro, como dizia muito bem Celia, os “tempos”. Neste momento, estamos vendo conviverem tempos históricos, agricultores, produtores, serviços, todos juntos. Há uma simultaneidade de culturas. Há uma simultaneidade de situações em todo o mundo, por exemplo, vamos ao espaço, mas aqui há milhões de seres humanos que morrem de fome, algo contraditório que nos produz outro conflito interior. Não somente um conflito de pensar para onde vou, mas um conflito profundamente interior, me deslocaliza no espaço, me produz uma sensação com respeito ao tempo, e é que sinto que nunca vou poder tomar esse tempo, poder entrar nesse tempo, porque tenho uma vida muito breve. Isto me produz uma sensação de deslocalização total. E, como se isto fosse pouco, o “conhecimento” me aflige com a “informação” e suas múltiplas possibilidades. Posso, por exemplo, ter acesso a toda a informação (agora em um CD pequenino, enfiado em um estojo, posso ler toda a Enciclopédia Britânica), e posso me comunicar com um MODEM de comunicações - como fizemos há pouco com escolas de Buenos Aires, Rio Negro e Bariloche, diretamente. E desde Mar del Plata e Estados Unidos simultaneamente. Havia crianças ali, conferenciando simultaneamente.

Evidentemente vivemos tempos diferentes, que produzem conflito no subsistema educativo que está encaixado dentro do sistema social. E então, começamos a questionar isso e dizemos: porém, como é este tema? Falamos dos meios de

comunicação, quando em realidade a comunicação é intrínseca à educação. É impossível existir a educação (“*educere*”) sem que haja um processo de comunicação interno e com o outro.

Quando dizia a Sra. que “construímos” uma educação onde todos ensinamos e aprendemos - não sei se através do diálogo - mas, talvez, através do “silêncio”. Talvez através da busca, mas através da busca de quê? Ou teremos que descobrir juntos, através do código que construímos, dessa nova linguagem que temos hoje. Não nos é suficiente este sistema artificial de comunicação que é a linguagem, e que, além disso nos produz confusão. O conceito é a síntese maior que temos com respeito ao concreto - no entanto não nos pomos de acordo, com respeito ao conceito. Então, o que acontece? Temos que construir novos conceitos.

Provavelmente possamos reconstruir aqueles que hoje já estamos manejando em nossa atividade cotidiana. No entanto, sabemos perfeitamente quando dizemos, por exemplo: “pedagogia”, que não estamos falando já da pedagogia que estudamos na Universidade. Não nos é suficiente, porque essa pedagogia nos dizia que as ciências auxiliares (a psicologia, a filosofia, a política, a sociologia) iam poder enriquecer essa pedagogia. Mas, o que fizemos com essa psicologia, com essa sociologia, com essa filosofia? Temos essas ciências como compartimentos estanques, e a pedagogia continua sendo outro compartimento estanque. O que tentamos fazer é atualizá-la e redimensioná-la, junto com outras ciências ou outras áreas do conhecimento.

O conhecimento - não sei se é correto epistemologicamente o que vou dizer - é único, a realidade é única.

3ª Parte
Projeto Arkhi-Tectônico
Signatura da mensagem do novo signo do tempo

Ramón P. Muñoz Soler

Recordemos uma vez mais os referentes simbólicos que sinalizam a estrutura conceitual da ideia que queremos desenvolver neste Curso.

- “Uma barreira difícil de cruzar”.
- “A metade da fórmula”
- “Paradigma de fragmentação”
- “Signo do tempo”
- “Sinais de convergência”

Hoje vamos nos deter um pouco sobre “signo do tempo”.

Quando nas reuniões passadas quisemos caracterizar, de alguma maneira, o tempo que hoje vivemos, dissemos que era

“um tempo sem sinais”, e “um
tempo que varria a imagem do
mundo”.

Recordemos a citação de Octavio Paz: *“As obras do passado eram réplicas do arquétipo cósmico..., em mudança, “as construções da técnica são signo da ação e não imagens do mundo”.*

Porém, em seguida dissemos que neste tempo sem sinais ocorriam novos sinais, “sinais de convergência”.

Este é o paradoxo do novo signo do tempo, um tempo de
“sinais em um tempo sem sinais”.

Por que se dá este paradoxo? Porque no tempo cíclico, o tempo do “fim” coincide com o tempo do “princípio” (a serpente que morde seu rabo). E nesse tempo vivemos hoje, em uma transição de paradigmas (do paradigma de fragmentação ao paradigma de síntese).

Vejamos bem, que a irrupção do novo paradigma não só implica uma nova ideia, mas uma nova “forma”.

O *I CHING* sinaliza este tempo como de “ingresso da luz” (o fim da noite e a estrela da manhã).



O ingresso da luz é um “sinal de revelação”. Porém, o que ocorre quando a luz ingressa? Torna visíveis as sombras.

McLuhan (o visionário moderno dos meios de comunicação), referindo-se a este “cruzamento de meios”, ou “hibridação de meios” como ele o chama, diz o seguinte:

“O Híbrido, ou o conjunto de dois meios, constitui um momento de verdade e revelação do qual nasce uma nova forma, já que o paralelo entre dois meios nos mantém nas fronteiras entre as formas...o momento da conjunção dos meios é um momento de liberdade e liberação do transe, e de embotamento usuais que aqueles impõem a nossos sentidos”.

O paradoxo do ingresso da luz é que a própria luz é invisível, e o que a faz visível são os “conteúdos” do antigo meio. Isto é, o que faz difícil descobrir as “formas” do novo signo do tempo (os arquitetos que nos falarem hoje seguramente nos esclarecerão isto melhor). Quer dizer, quando alguém se detém no conteúdo, não no meio, o único que se vê são as antigas formas, não as novas. Por isso, diz muito bem McLuhan que as

novas formas emergem de uma revelação por hibridação e não por engenharia de construção.

Esta ideia de “ruptura de simetria” do antigo espaço/tempo se tornou clara durante a reunião passada, na experiência grupal de ensino/aprendizagem que realizamos com Eva Sarka. Através dos interrogantes e das propostas que foram surgindo em relação à escola, os meios de comunicação e o deslocamento de paradigmas, ficou fluando a vivência de um

“novo espaço/tempo/conhecimento”.

Se por um lado assistimos à fratura do conhecimento, ao vazio existencial e à perda de sentido, por outro nos encontramos com que o mundo inteiro “implode” em nossas vidas como “aldeia global”, através dos meios de comunicação de massa. O mundo se tornou pequeno, nos dizia Eva, já não é necessário fazer longas viagens para comunicar-nos com as pessoas de outros países. E as crianças de nossas escolas conversam com seus companheiros do interior do país ou dos Estados Unidos, por meio de um MODEM de TV.

O tempo de aprendizagem se encurtou. Toda a Enciclopédia Britânica se tornou acessível através de um CD e pode ser consultada através de um computador, com só apertar um botão.

Tudo isto é maravilhoso, mas foram surgindo no grupo algumas perguntas:

“Quem ensina? A escola ou os meios de comunicação de massa?”

“Quem ordena a massa de informação disponível?”

Por outro lado, em um tempo que “varre” os antigos valores,

“Onde estão os novos valores?”

“Quem os transmite?”

“Como se transmitem?”

Eva disse algo a respeito. Antes de mais nada, ela pôs a ênfase no “educador” e não no “sistema”.

Eu penso que os novos valores não podem surgir de um novo “sistema”, mas de uma nova “presença”. Em meu modo de ver, o importante da reunião passada não foi o que Eva disse, mas a presença de Eva.

Os novos valores não estão escritos, mas in-scriptos. Não estão escritos em códigos de pedra (ao modo das pirâmides do Egito ou das catedrais góticas), tampouco estão escritos no CD (a Enciclopédia Britânica), senão que estão in-scriptos na matéria viva do próprio ser humano como “configurações dinâmicas de valores “logoquímicos”.

Como são transmitidas estas delicadas “estruturas *arkhi*-tectônicas”?

Revelam-se por ressonância de similitude.

Damos agora a palavra aos arquitetos Ricardo Bullrich e Gustavo Loiseau. Eles têm algo a dizer-nos acerca do novo espaço humano e do princípio generativo ordenador da forma.

A projetuação como instrumento de mudança

Ricardo Bullrich

(Apresentação prévia de um audiovisual)

Quando falei com o Dr. Muñoz Soler, no princípio, ficamos em que eu iria falar sobre “o referente a projetos”. Mas depois, em função do cariz que foi tomando o Curso e pensando que poderia ser um tema muito específico, acreditei que fosse importante, antes de falar sobre “o referente a projetos”, dar um marco global. E então, meu tema de hoje vai ser o “habitat físico do homem”, o “ambiente humano”. Mais que uma proposta vai ser um “posicionar no marco”, um posicionar na situação, para ter um marco de referência. E a intenção do audiovisual foi pôr em imagens o que vou dizer agora.

Quando me refiro a “ambiente humano” quero dizer, antes de mais nada, que é uma ideia bastante nova, porque se bem o homem, desde suas origens, foi o conformador de seu “habitat”, talvez a consciência deste ambiente humano seja bastante recente. Ao falar de “ambiente humano” não só me refiro ao “habitat físico” do homem, mas também a todo o sistema de relações em que ele desenvolve sua vida. E aqui se dá algo muito particular do “sistema humano” porque entre os seres vivos, o homem demonstrou até agora ser o único que pode usar e abusar das relações com os outros subsistemas. Os outros subsistemas também podem perturbar o equilíbrio ecológico geral, mas a ação do homem - sobretudo o sistema - é de tal intensidade que produziu mudanças que hoje, creio, já podemos qualificar de irreversíveis. São mudanças substanciais que, de alguma maneira, incluem o equilíbrio dos outros subsistemas. Em tudo isto, é importante reter a ideia de “sistema”, uma ideia da filosofia da ciência na qual, de alguma maneira, tudo o que existe está incluído na ideia de sistema. O mais correto na ideia de sistema seria dizer que é uma “ordem”, na qual todas as partes se apoiam mutuamente. O que implica que nenhuma perturbação dentro do sistema é uma

perturbação setorial, senão que, de um modo ou de outro, perturba à totalidade do sistema e perturba inclusive o subsistema que provocou a perturbação inicial. E aqui caberia perguntar-se, o que é o ambiente humano?

Em uma primeira análise, pareceria que o “ambiente humano” fosse resultado de um processo cego, carente de intencionalidade. Pareceria ser uma sucessão arbitrária e descontínua de fatos isolados. É, acaso, um fenômeno incontrolado e incontrolável? Talvez não nos possamos pôr de acordo sobre a total irracionalidade do sistema, mas não temos que esquecer que este sistema é produto da vontade factual do homem. Somos nós os que direta ou indiretamente fabricamos os objetos que nos rodeiam. Somos nós os que damos forma a este “habitat”, já seja por ação ou por omissão, mas de alguma maneira, ele expressa o que a sociedade toda é. Aqui, gostaria de repetir uma pequena frase de Tomás Maldonado.

Tomás Maldonado é um projetista argentino que vive na Europa - basicamente é um projetista industrial - e tem um livrinho muito interessante que se chama “Ambiente humano e ideologia”. Diz o seguinte: *“O meio humano e a condição humana são o resultado de um mesmo processo dialético, de um mesmo processo de formação e condicionamento mútuo”*.

Quer dizer, que graças a este processo de interação e condicionamento mútuo haveria também o elemento pelo qual nós, a sociedade, essa parte do sistema, pode chegar a ser parte ativa e criativa na conformação da realidade factual. Aqui, acredito que podemos dizer que o “fazer” e o “elaborar um projeto” fazem parte do mesmo discurso criativo do homem, da forma em que o homem atua sobre o mundo. Ou seja que, em certa medida, o fazer e o elaborar um projeto se pressupõem reciprocamente. Se formos aos extremos, há uma forma de fazer, sem elaborar um projeto (o caso mais específico é o “jogo”, onde o fazer é uma atividade espontânea). E, por outro lado, há um elaborar um projeto sem fazer (neste extremo estaria a “utopia”, ou seja, uma

projeção sem uma concreção, aqui e agora). Um elemento importante que diferencia o jogo da utopia é que a utopia está baseada na esperança (toma o mundo como uma realidade imperfeita, mas aperfeiçoável). Nesse sentido, os “modelos utopistas” sempre tiveram, ainda que de alguma forma quimérica, digamos, uma função revolucionária. Sempre foram motores de mudanças futuras. Há um arquiteto norte americano que se inscreve nesta tradição utopista, Buckminster Fuller (conhecido por suas cúpulas geodésicas). Ele imaginava uma revolução, uma mudança, promovidas pela projetuação.

Creio que conviria explicar um pouco o que é “projetuação”. Essa é uma palavra que não aparece em nossa língua, é um neologismo. Acontece que não temos uma palavra com a força com que está carregada a palavra “projetuação”. Os ingleses têm a palavra “design”, que eles definem como “plano mental”, e que tem uma força que não tem a palavra “projeto” em português (projeto em português se refere mais à resolução formal, e não a toda a força que a ideia poderia implicar). Por isso, usamos esta palavra - “projetuação”, que se utiliza bastante com o critério de planificação, de planejamento, isto é, uma palavra que engloba toda uma ideia. E Buckminster Fuller imaginava uma revolução conduzida pela projetuação. Certamente que isto está no extremo da “utopia”, mas ele imaginava que a “projetuação” ia ser capaz de modificar as estruturas técnicas da exploração (quase uma utopia tecnocrática), que ia modificar a utilização e a distribuição dos recursos naturais. Porque dizia que os conflitos atuais não seriam tanto a consequência da escassez de recursos, quanto da falta de “projetuação”.

E talvez agora, se possa compreender melhor o sentido que eu quis dar à apresentação do audiovisual. Os slides que mostrei refletem, pelo menos em alguma medida, a deterioração em que caiu o meio ambiente humano (certamente que é um recorte parcial e intencional da realidade, mas isso não quer dizer que não seja uma parte concreta da realidade, são todas fotos reais). Algumas destas fotos oferecem uma

visão quase surrealista, sobretudo no início, quando aparece a imagem da cidade de Buenos Aires vista desde o que, em geral, ironicamente, se chama a “reserva ecológica” - que é toda a zona de preenchimento de Costanera Sur. Ou seja, é uma visão de Buenos Aires que, em geral, não temos (temos a visão de Buenos Aires desde o rio, mas essa visão, aparecendo na Pampa, é uma visão muito estranha). E todas as imagens tendiam a mostrar situações críticas que são, hoje em dia, quase como “bombas de tempo”, bombas que ameaçam condições de vida futura. Estas “bombas de tempo” (todo o crescimento descontrolado de povoações constitui bombas de tempo. E, quando falo de povoações, me refiro a conjuntos homólogos de elementos, conjunto de pessoas, conjunto dos objetos, de recursos, infraestruturas, equipes, mensagens, processos). E o que é realmente preocupante neste momento é o índice de crescimento que têm estas povoações (alguns estudiosos que dizem que está sendo criada um tipo de “congestão explosiva”), isto é, que vai chegar um momento em que o espaço físico vai se tornar crise, pelo aumento sem controle de pessoas, de carros, de máquinas de lavar, etc.

Isto, agora, parece uma coisa muito distante. No entanto, em ações determinadas no mundo, há lugares onde já está se tornando crise. Quer dizer, esta situação não é uma situação retórica, senão que é uma situação real, concreta e verificável. E teríamos que perguntar-nos qual é o caminho que nos levou a esta situação crítica de crescimento descontrolado de situações. Eu creio que, em parte, tem muito a ver o que aconteceu nos dois últimos séculos, quando, de alguma maneira, o homem fez um saque atroz da natureza, dos recursos naturais. E, basicamente, aí podemos analisar duas culturas que são as mais comprometidas: uma é a dos despojos, do lixo, da escória. E a outra é a dos contaminantes e dos fatores artificiais de erosão.

O crescimento destas duas culturas críticas tem a ver com a mecânica da sociedade de consumo. Quer dizer, a sociedade de consumo submete os objetos a uma morte acelerada (praticamente é a lógica da sociedade de consumo). Há um livrinho de

Baudrillard, “O sistema dos objetos”, onde ele faz uma análise de todo o pano de fundo devido ao qual se produz todo esse consumo acelerado e toda a lógica do sistema de objetos. É sabido que é muito mais fácil produzir um objeto que fazê-lo desaparecer. Um objeto nasce à vida e depois, é preciso matar esse objeto. A primeira coisa que o homem tenta é matá-lo desde um ponto de vista mecânico: desarma-o, desarticula-o, desmonta suas peças, mas continua existindo um subsistema de despojos. Até pode chegar a transformá-lo e fazê-lo passar do mundo mecânico para o mundo químico, quer dizer, passa da cultura do lixo, dos descartes, para o mundo dos contaminantes. Ante esta situação existem, teoricamente, duas posturas - e as duas são, finalmente, fatalistas. Uma é a que fala do “*unhappy ending*” (final infeliz). São os partidários da dissensão, falam-nos da teoria do colapso do capitalismo (vai chegar a um ponto em que esse colapso vai produzir uma mudança substancial e vai reverter uma situação completamente nova - sobre esta base eles dizem que “quanto pior, melhor”).

Este critério de “final infeliz”, desde o ponto de vista “de projetos”, propõe uma “abstenção de projetos”: diz que não é preciso encarar isto sob o ângulo de projetos, é preciso esperar a situação em que tudo isto arrebente.

E a outra postura é a do “final feliz”, que é a teoria proposta pelo sistema, a teoria do consentimento - que diz que nem uma ativa participação projectual nem uma passiva abstenção de projetos são capazes, definitivamente, de influir no curso dos fatos. E no último momento, sempre à borda do abismo, quando parecer que tudo está perdido, dar-se-ão as soluções necessárias. O homem sempre deu as soluções para sair da crise.

O que acontece com estas teorias é que, neste momento, a situação é tão crítica e os fatos novos que se apresentaram são tão carregados de novidade, que os que propõem o “final feliz” nem se dão conta de que, qualquer que seja o sistema, a destruição vai ser total (não me refiro somente à destruição que pode sobrevir, por exemplo, devido a

uma explosão atômica, mas à destruição que vem paulatinamente e que vai se somando e vai deteriorando elos da corrente da vida).

Evidentemente, há três fatores fundamentais no sistema biológico que são: o ar, a terra e a água. E existem lugares determinados no mundo, basicamente os grandes aglomerados urbanos e os grandes aglomerados industriais, onde o “mau trato” que está sendo sofrido por estes três fatores está produzindo mudanças irreversíveis. É verdade que, em Buenos Aires, já faz alguns anos que eliminamos os incineradores e o ar recuperou certa respirabilidade. Mas, por exemplo, a situação da água em todos os rios afluentes do rio de la Plata é aterrorizante, digamos. E, em tudo isto, há um ponto em que é difícil voltar e reverter a situação original. Também existem aqueles que dizem que, nesta situação crítica, definitivamente (são os que são bastante pessimistas) “algum final” vai se produzir (ainda que passem 10 séculos ou 200 anos, não há muita diferença para nós). Porém, de qualquer modo, eu creio que é preciso tomar uma posição e que frente a este “pessimismo destrutivo”, é preciso assumir um “pessimismo construtivo”. E, desde o ponto de vista dos projetistas, tentar reverter, tentar desarmar estas “bombas de tempo”, na medida do possível, na escala do possível. Ao “crescimento irresponsável”, opor um “controle responsável”. E substituir a “congestão” pela “gestão”. Por um lado, o crescimento irresponsável, o pessimismo destrutivo e a congestão, constituem um caminho. E o outro caminho, o da “projeção”, ou do planejamento, seria o “pessimismo construtivo”, o “controle responsável” e a “gestão”.

A sociedade, neste momento, não pode renunciar a projetar seu habitat futuro e, de alguma maneira, nisto, se nós renunciarmos a projetar o habitat futuro, nessa mesma medida estaremos aceitando nossa capitulação desde agora.

Voltando a Tomás Maldonado, ele diz: *“O escândalo da sociedade culmina hoje no escândalo da natureza”*.

E eu acredito que aqui existe um tema que, em Buenos Aires, não é tão claro. Porque nós, por exemplo, não estivemos perto de Chernobyl, mas estamos próximos da expedição que está na Antártida, estudando o que acontece com o “buraco de ozônio”. E me parece que o caminho para reverter esta situação não passa pela superestrutura, mas pelo que acontece devido à opinião pública. Aqui, se corre um perigo, o perigo de que a superestrutura transforme toda a intenção de armar uma consciência crítica ecológica, em algo assim como uma “moda”. Ao transformá-la em moda, torna-a transitória, degrada-a e ela perde sua força. Então, creio que é preciso retomar, a sociedade deve retomar. E, sobretudo os projetistas, temos que retomar uma consciência fundamentalmente crítica, não crítica somente para todo o sistema, mas crítica também para o que Tomás Maldonado chama de o “escândalo da sociedade”. Porque de alguma maneira é essa situação a que produz a deterioração.

Eu queria ler para vocês um pequeno artigo, que tem algo a ver com isto. Um artigo de Ronald Laing, um psiquiatra inglês, que apareceu em “A razão”, que escreveu, penso, um livro que se chama “*As coisas da vida*”. Aqui diz, sinteticamente, “*que o homem se converteu na única espécie conhecida, capaz de autodestruir-se e autoexterminar-se*”. E ele se mostra muito assustado e pensa que existe uma possibilidade de retificar o caminho. Mas que, na medida em que haja indiferença e não haja consciência deste perigo imediato, seguramente lá pela segunda metade do século XXI, existirão algumas áreas no mundo totalmente inabitáveis. Aqui pode-se propor outro problema - e é, perguntar-se se o homem tem que projetar um habitat totalmente artificial. Diz Laing que é importante para desandar este caminho, chegar ao que ele chama de “ansiedade da espécie”. A ansiedade da espécie é uma ansiedade devido a este perigo imediato - e diz que esta ansiedade tem que chegar a uma “massa crítica” de forma a realmente reverter a situação (enquanto não se chegar a uma massa crítica que tenha suficiente peso, diz que esta situação não vai ser revertida).

Desde o ponto de vista de projetos, eu pensava, lendo este artigo, que com respeito a este tema existem umas duas escalas. Uma, a que podemos chamar de escala individual cotidiana. E a outra, a escala do planeta, a escala planetária. Nós, como “animais humanos” (quer dizer, como muitos animais que sentem ameaçado seu território) percebemos e sentimos o perigo. E, nós também temos um território íntimo (quando se usa um elevador, percebe-se até que ponto a proximidade influi). E o que acontece com este tema do perigo, em escala planetária, é que, de alguma maneira, é muito difícil interiorizar este perigo (pode-se introduzi-lo por via intelectual), mas é muito difícil chegar a percebê-lo como uma ameaça direta a mim. Creio que, talvez por esse lado, o tema seja a maneira (esta é uma hipótese puramente peregrina, não tem nenhum embasamento científico) de expandir nosso território, aquilo que sentimos como nosso território. Não só expandi-lo e ter a consciência desse território que nos rodeia, mas da totalidade. Diz Laing na última parte de seu artigo:

“Creio que os primeiros indícios de uma resposta de sobrevivência biológica evolutiva às possibilidades de autodestruição da espécie e a concomitante destruição da biosfera é um estado de alarma e alerta que se estenda por toda a espécie humana, em benefício da espécie. Chamem a este estado de alarma e alerta, “ansiedade da espécie”.

Eu creio que isto é uma resposta extremamente sadia ante uma situação holística, o fato de que nós, como espécie, tenhamos posto em perigo a nós mesmos. Quanto mais se estender esta ideia entre nós, tão rapidamente quanto seja possível (o prazo acabou ontem), maiores serão as probabilidades de que não nos autodestruamos. Quanto menos seriamente tomemos as possibilidades de nossa própria autodestruição, mais probabilidades teremos de que ocorra assim.

Esta “ansiedade da espécie” é de uma ordem muito diferente da maior parte dos medos pessoais. Não é neurótica nem psicopática, não é nem funcional nem de má

adaptação. A resposta de maior disfuncionalidade e pior adaptação, ao advento desta situação completamente sem precedentes, é a negação. Ou, a pseudoadaptação à mesma. Ninguém, em seu são juízo pode negá-lo por completo, mas é possível que pareça que a admitamos e, ao mesmo tempo, nos desentendamos dela de um modo ou de outro. Hoje em dia, o maior perigo do mundo é um tipo de suave impermeabilidade à compreensão de que chegamos a ser capazes de autodestruir-nos como espécie.

Bem, foi bastante negro o panorama... talvez tenha sido um pouco dramático, por isso, gostaria de terminar com uma poesia de Roberto Juarros que, me parece, é um pouco mais otimista:

*“Una pregunta rueda como una
piedra por el costado del hombre; y
en lugar de caer en el vacío
encuentra un valle que la sostiene.
Ya no se trata de hombres ni de
dioses, y no está en el sitio de las
respuestas, el propio eco se convirtió
en valle. Tal vez la salvación del
hombre consista en rodar por su
propia ladera abrazado a la piedra
de la mayor de sus preguntas”.*

Arquitetura orgânica como resposta ao despertar de consciência do homem planetário

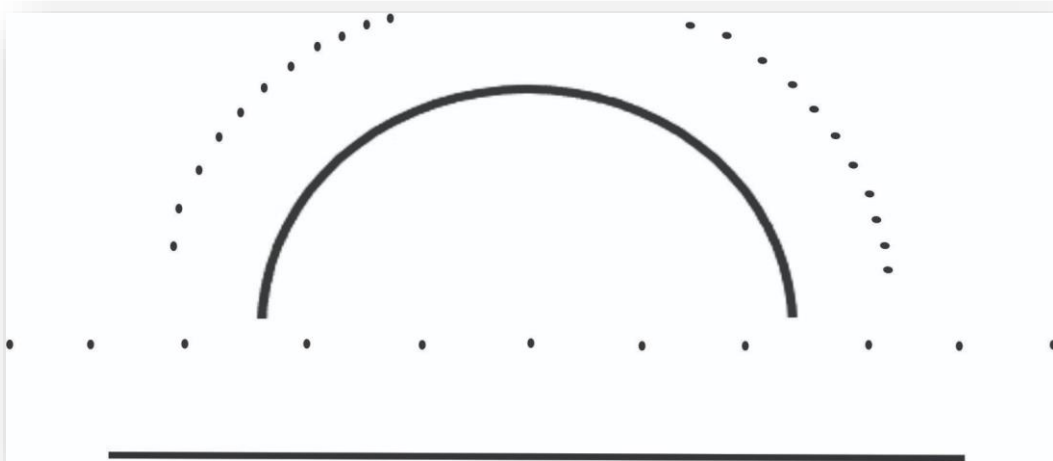
Gustavo Loiseau

“Habitar é humano. Os animais silvestres têm ninhos e tocas; o gado, estábulos; os carros são guardados em abrigos e os automóveis em garagens. Só os seres humanos podem habitar...”

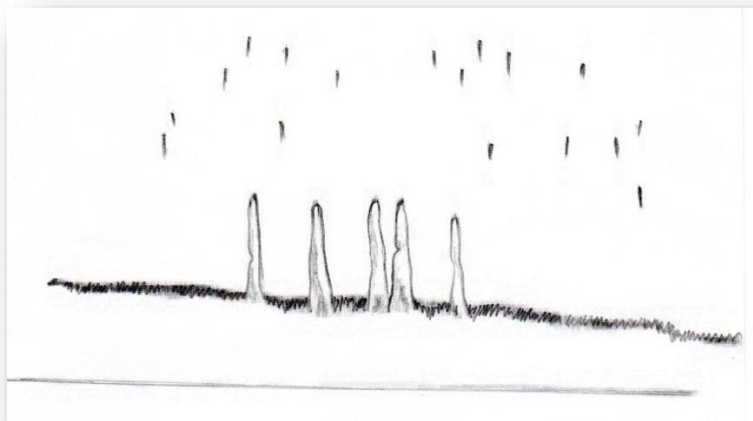
Ivan Illich

O que aqui vamos tentar fazer, é aproximar-nos rapidamente de uma ideia de como os diferentes estádios de consciência da humanidade, em suas diferentes épocas de desenvolvimento, podem ser observados nos edifícios que delas ficaram.

Assim, vemos na Índia antiga como surgem as semiesferas, em paralela imitação do celestial. Ali está posta a ênfase, na suspensão, na separação da superfície da Terra, como com as palmas das mãos para cima.



Na Irlanda e no norte da França, os celtas erigem seus dólmens e menires cravados na superfície terrestre. Mas seu templo tem como limites a própria cúpula celeste para cima e o imenso horizonte para os lados. Aqui, a relação com o cosmos é direta. Aqui, não há matéria que se interponha, como na Índia. Estas enormes pedras são só pontos de referência que brincam com a luz e as sombras que são lançadas. Assim, estes celtas lutadores tinham seu céu, onde deviam chegar os jovens.



Os persas rogam em sus orações a Ahura Mazda:

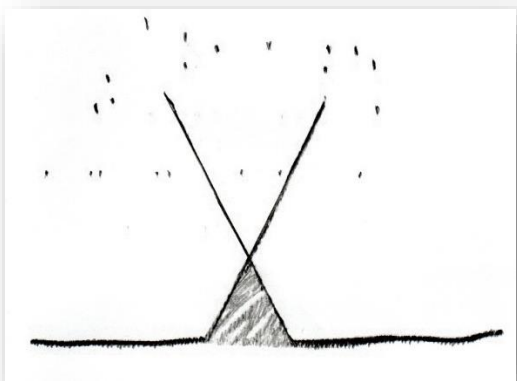
“...escuta-nos, tu vives na Divina verdade e alegria, acaba com a falsidade e confere o sustento quando o mau e o baixo nos subjuga. Dirige tua alegria, tua luz para nossa tristeza escura”.

Já não há harmonia entre os persas. Há tensão e conflito entre a luz e a escuridão, entre o bem e o mal. Só com sua força espiritual se poderia dominar. Assim, lutou Zaratustra. E nessa luta, a terra só da seus frutos àqueles que trabalham duramente. Aqui nascem os primeiros agricultores.



No cruzamento dos raios em direção às constelações cósmicas, nascem os blocos maciços, como contra figura radial. Agora, torna-se presente a **massa**. Desde o espaço exterior, são reduzidos corredores e portas, neste doloroso dever de penetrá-la, neste duro trabalho de entrar no terrestre.

Aqui, tínhamos a sabedoria e a paz que não tínhamos como celtas. Socavados na massa enorme, temos as câmaras de iniciação, os corredores e as colunas.

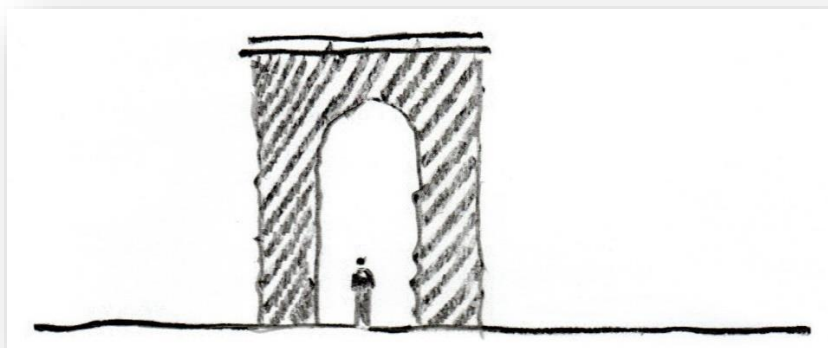


O homem grego virou do avesso, como uma meia, o templo egípcio: agora as colunas estão fora e o altar é apenas o que fica dentro, feito de matéria. A este templo não se entra. Como gregos, estávamos felizes na terra e queríamos usar bem esta vida. Há jogo de luzes, o sol e a sombra mostram as estrias nas colunas, há equilíbrio e harmonia.

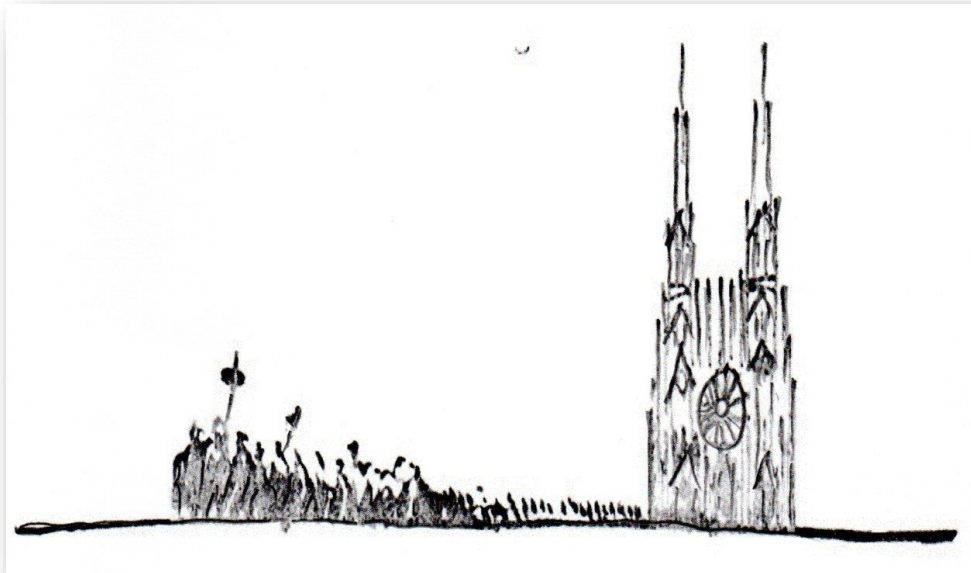


Os romanos já dominaram a matéria. Os engenheiros construíram pontes e aquedutos. É construído o arco, mas agora quem passa por esse portal sou *EU*, o ego encarnado. E, simultaneamente, se apresenta o começo de algo novo: o Cristo entra no Portal de Jerusalém.

A partir daqui, com esta nova consciência, os edifícios vão manifestando pouco a pouco, eu estou dentro. Já não se trata da luta egípcia do “devo entrar”.



E nesta busca, com essa força interior, uma comunidade se eleva nas catedrais góticas.



É esse *ENTRAR*, o que os da vanguarda, os artistas, os arquitetos, mostram à humanidade. Esse é seu dever, mostrar que “isto é o que tu agora estás vivendo”. E essa é a responsabilidade do arquiteto hoje: tentar interpretar como homem de vanguarda, a situação da consciência atual e mostrar um caminho.

A fragmentação do conhecimento que hoje nos deixam as metodologias analíticas, utilizadas pelas ciências naturais, não nos permitiu cruzar a muralha que nossa cultura enfrenta. O novo corpo de que necessitamos talvez nasça à luz das novas ciências do espírito, na compreensão do estado de consciência do homem de hoje. Ali estão arquitetos, artistas, pedagogos, camponeses, estudando os fenômenos desde o novo ponto de vista, para aceder ao conhecimento das forças formativas, de suas leis de metamorfose, de mãos dadas com as novas geometrias que levam estes processos e sua compreensão a planos de consciência. Uma geometria como desenvolvimento do pensar, fazendo consciente a passagem das formas em movimento às formas estáticas.

Pensem nas covas do Paleolítico: são as mais antigas tentativas do homem para reter, em forma de imagens, suas experiências com o mundo que o rodeava. Manifestam

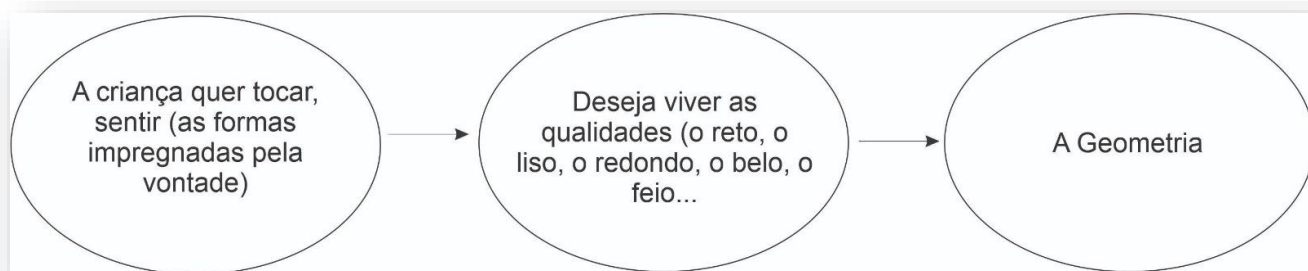
uma fina sensibilidade para as formas e é surpreendente o modo com que expressam movimentos. O espaço não desempenha seu papel, as formas - expressadas bidimensionalmente - se interpenetram como imagens oníricas. Não há perspectiva, tudo é **atuar**, cada forma tem sua origem no movimento.

Antes que apareça a **forma**, podemos observar nos organismos, um flutuar de correntes de vida. Até as formas dos cristais e das rochas são o resultado de forças em revolução. Também a figura humana, que nos primeiros estádios de sua evolução sofreu transformações, teve sua origem em correntes de seiva de vida, no embrião. Com esta seiva, com a ajuda do calor e do impulso do movimento, lentamente a forma viva vai definindo seu contorno, e só como consequência última, é forma endurecida, doença e morte.

Se pensarmos na vida como processo de encarnação, poderemos assimilá-los a esse flutuar, a esse movimento. E esse descenso em direção à corporalidade - até assumir o espaço terrestre tridimensional com uma forma definida - se liga intimamente ao desenvolvimento de nossa consciência. Assim, passa cada vida humana individual, de um estado de inconsciência **criativa** no sonho, até o momento do encontro com o mundo material.

Também na infância, em seu caminho em direção a ser um adulto, se vive este processo, no qual participam as três forças anímicas do ser humano: vontade, sentir, pensar.





Agora podemos compreender como, para chegar a uma forma cristalina, antes houve um processo, um movimento, leis que o geraram, forças que estiveram ativas. A geometria projetiva explora este território do movimento em direção à cristalização, fazendo consciente o processo.

Este novo enfoque produzirá necessariamente novas forças no espírito humano, para abrir brechas naquela muralha. O homem pode atuar pouco a pouco - cheio dessas forças criativas - nas ciências do vital (como as do mundo espiritual), assim como fez até hoje com as ciências ligadas à matéria.

Se falarmos hoje de arquitetura orgânica, pensaremos imediatamente em Frank Lloyd Wright. Ele fala de seus edifícios como uma arquitetura orgânica, edifícios nascidos de necessidades profundas do homem e que se localizam de “forma orgânica” na natureza, construídas com os materiais próprios do lugar, formando uma unidade arquitetônico-orgânica.

Se seguirmos a história da arquitetura moderna, encontraremos estes conceitos unidos a outros matizes. Por exemplo, em círculos de John Ruskin e William Morris, já se falava da estética estabelecida, da estrutura canonizada, em oposição a uma linguagem vital de formas. O Tratado de Vitruvio, oposto às formas vivas do gótico.

Christopher Dresser, que estudou os ornamentos e desenvolveu novas formas, depois de intensos estudos de botânica, tentou descrever o campo de forças, de onde a natureza nos traz suas formas. Para ele, o importante não foi extrair diretamente dos

modelos que a natureza oferecia, um ornamento para ser estilizado, como fez a *art nouveau*. Em uma ilustração sua, a qual ele chama “força e energia”, se vêem as linhas retas e duras, diagonais às quais se enredam curvas em espiral e outras formas suaves parecidas a folhas de plantas. Já está na trilha de descobrir a potencialidade do mundo vegetal, (“as plantas são seres vivos, organizados, possuídos pela força de querer crescer”). Queria encontrar as curvas de energia e as linhas de ritmos nas quais se mostrava essa vida. Também estudou os cristais de gelo (*Eisblumen*) para encontrar neles as forças vitais formativas.

Goethe, em seus estudos sobre a metamorfose das plantas, já em 1790, tentou encontrar essa característica comum a todas elas. Eu suspeitava da existência de um campo de força que se transformasse em múltiplas formas e que sofria a metamorfose no terreno das tensões de tração e compressão. A planta arquetípica (*Urpflanze*), onde a folha é o órgão que se transforma, se estende como folha em superfície, predominando duas dimensões sobre a terceira. Ou se contrai em talo, se desenvolve em pétala, se contrai em pistilo. Todo está no arquétipo, e em cada espécie se desenvolve mais um aspecto que outro.

Louis Sullivan (1856-1924) desenvolveu um novo ornamento cheio de vida, em estreita relação com sua arquitetura, na intenção de desenvolver “um sistema de arquitetura e ornamento”. Tudo o que vive está em desenvolvimento e entregue à mudança, à metamorfose: seus desenhos, relacionados com o desenvolvimento de uma folha, partem dos processos da vida das plantas e assim seus ornamentos são linhas de força que, com uma intensa dinâmica, irradiam da periferia para o centro. Nesta tensão, produz-se um campo cheio de vida, com inumeráveis possibilidades e um sem fim de variações. E é ali que entra o artista, para fazer frutificar sua fantasia. Assim, este jogo dinâmico de linhas, desperta no homem as forças vitais e não é só decorativo.

Rudolf Steiner (1861-1925) não criou só novos ornamentos, senão que tentou uma nova linguagem de formas arquitetônicas, em relação com a evolução interna do homem. Observando os capitéis das colunas do primeiro *Goetheanum* (1913-22), pode-se ver como as formas iniciais sofrem transformações, até que o capitel adquire seu caráter. E como, ao mesmo tempo, um nasce do outro. Dominam forças de cima ou de baixo e, entre as duas, surge um rico idioma de formas. Ali, podem ser vistas formas que chegaram a um certo estado de paralização, outras que estão em intenso movimento, formas que se movem do côncavo para o convexo, produzindo as superfícies dinâmicas esféricas que aparecem nos organismos vivos. Muito mais tarde, em 1921, tenta continuar, partindo da ideia da metamorfose de Göethe, o desenvolvimento de uma linguagem de formas orgânicas, a partir do projeto das bases daquelas colunas.

E aqui está nosso homem hoje, em seu eu microcósmico, submetido às leis do macrocosmos. Provando desenvolver nosso conhecimento da alma e do espírito, poderemos ter a experiência do reconhecimento do espírito no cosmos. Um cosmos que podemos considerar espacial ou anímico espiritual.

Neste último caso, podemos falar também de macro e microcosmos? Que conexão existe entre esse cosmos e a arquitetura?

Em 1918, Bruno Taut já falava do caráter cósmico da arquitetura. E o que ele ensina ainda é vigente para nós. Podemos experimentar a relação entre os espaços e nossas vivências internas. Existem hoje em dia tendências destas relações, que aparecem como destrutivas, devido ao desconhecimento deste microcosmos.

A arquitetura tem que poder dar-me o espaço exterior que ressoe com meu espaço interno. A pergunta é então: como arquiteto, posso criar esses espaços? Conheço sua linguagem?

Para isso, devemos descobrir e desenvolver essas experiências íntimas. Poder, com nosso pensamento, percorrer o espaço, sentir as proporções, não estar quietos internamente como uma câmara.

Conhecer as forças da esquerda, da direita, o côncavo, o convexo, etc. Palpitar com as mudanças espaciais, os espaços fechados, os abertos, os materiais, as cores, as tonalidades, as relações com a luz, as mudanças de iluminação com as horas do dia, etc. Tudo isto é possível conhecer, experimentar no íntimo. Assim, é possível subtrair-se à consideração superficial do “me agrada” ou “não me agrada”.

Kandinsky experimentou esse conhecimento e falou da necessidade de fazê-lo objetivo, possível. Fica-nos como possibilidade a exercitação, para encontrar as relações de qualidade, só perceptíveis a nosso espírito porque esse é seu reino.

Também R. Steiner, ao inaugurar os trabalhos para o 1º *Goetheanum*, falou - como experiência possível de realização nesse sentido - da “metamorfose da fantasia”, tarefas que só podem ser desenvolvidas pelo homem. Podemos com nossa possibilidade de desenvolvimento espiritual, modificar a matéria. Isso não pode ser feito por nenhum robô, por mais informação que tenha.

Quer dizer que, como homens, temos possibilidades de desenvolvimento nessa direção. Talvez, deva ser o homem, esse microcosmos centro do macrocosmos. E talvez o cosmos espere isto de nós. Seria uma tarefa enorme. Porém, como arquitetos, temos uma grande responsabilidade: receber a inspiração para desenvolver espaços destinados ao homem, em relação com esse cosmos.

4ª Parte

Introdução à mensagem de criatividade do novo signo do tempo

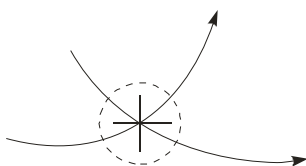
Do espaço de Einstein ao céu de Van Gogh

Ramón P. Muñoz Soler

Na reunião passada, dissemos que nosso tempo era um “tempo sem sinais”: tempo do “fim”, “noite escura da alma” (por perda de luz).



Porém, também dissemos que, precisamente neste tempo “sem sinais”, neste “tempo de fragmentação”, aparecem “sinais de convergência”.



No final da noite sem estrelas, aparece a primeira estrela da manhã.



É o ingresso da luz. Aqui, o tempo do “fim” coincide com o tempo do “princípio”.

Como são estes sinais do novo tempo?

Que forma têm?

Como são reconhecidos?

O primeiro que temos a dizer é que, se bem que o tempo do “fim” coincida com o tempo do “princípio” (a serpente morde a cauda), não é um tempo circular (o eterno

retorno). Quer dizer, não se trata de uma coincidência na ordem do espaço e do tempo, mas de uma

co-**in**-cidência

na ordem do ser-e-da vida (*co-in-cidere*), o que quer dizer que a mudança de signo se realiza antes por “dentro” que por fora. A luz ingressa antes no “homem” que no mundo.

Em outras palavras, a “primeira estrela” aparece no céu interior do homem. É uma “luz invisível”. No mundo interior essa luz se manifesta como consciência/sentimento de Si. É o primeiro signo de reconhecimento de algo novo, e esse algo “novo” é meu próprio Ser, minhas próprias possibilidades, minhas próprias limitações.

A tomada de consciência destas possibilidades e limitações é um

“sinal pro-fético” (quero dizer que é, “antes” de toda palavra);

“sinal pre-figurativo” (quero dizer que é, “antes” de toda forma);

“sinal de revelação” (quero dizer que leva em si mesmo o princípio de ação: é generativo).

Einstein teve a revelação, “antes” que a formulação matemática de sua teoria (“uma radiante luz se fez dentro de mim”).

E recordem a reunião passada. Quando Gustavo nos deu um panorama da evolução histórica da arquitetura, para chegarmos à concepção de uma “arquitetura orgânica”. E Facundo lhe fez a pergunta: “Eu não vejo como essa arquitetura orgânica poderia se inserir em nosso mundo de hoje”. Não foi fácil encontrar a resposta. Ricardo foi muito lúcido quando disse: “Não peçamos aos arquitetos o que eles não podem dar.

Talvez, a arquitetura não esteja atualmente na vanguarda... os construtores virão depois”. Claro que nas épocas de aurora,

*los profetas están “antes” que los
doctores, los criadores “antes” que
los constructores, los mártires
“antes” que los políticos.*

O novo tempo não é um tempo de construção de formas, mas de revelação da ideia.

É um tempo de “ingresso da luz”, mas quando a luz ingressa dentro de mim

o primeiro que vejo não é o novo, e sim o velho. E o primeiro que encontro não é a luz de outro, mas minha própria sombra.

O novo não é a compactação da Enciclopédia Britânica em um pequeno disco, mas a liberação de energia/consciência que produz a implosão do conhecimento (“energia híbrida”, como a chama McLuhan).

O novo não são as formas arquitetônicas como novidades, mas o potencial criador que é liberado no homem pelo colapso das velhas formas (Gustavo nos disse que a arquitetura orgânica, mais que propor uma nova forma, o que sugere é pôr-se em contato com a “energia geradora” da forma).

O novo não é que nossas crianças se comuniquem “tele-maticamente” com seus companheiros de longínquos países (o que não deixa de ser maravilhoso). O novo é que essas mesmas crianças penetrem “logotecnicamente” na rede de comunicações do velho sistema. O novo é o jovem alemão aterrizando na Praça Vermelha de Moscou. O novo

são os jovens norte americanos e alemães que penetram como um novo David nos códigos secretos de comunicações do velho Golias.

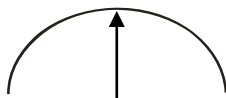
Porém, olho! O novo é também a AIDS, o novo poder que penetra subrepticiamente no organismo humano e desbarata suas defesas, um poder que não foi antecipado pelos futurólogos de Hermam Kahn nem pelos expertos do Club de Roma.

O novo é o insólito, o desconhecido, aquilo que causa medo!

O novo não é aquilo que destrói o sistema, mas aquilo que provoca a reversibilidade do sistema.

Frente a esta irrupção do novo, assistimos hoje ao fracasso dos condutores (o ocaso dos Deuses do velho signo de Peixes). E ao fracasso de todos os modelos de “modernização”, fundados no velho paradigma newtoniano/cartesiano, de dividir para conhecer.

Este é o umbral difícil de cruzar.



E ao chegar a esta altura do Curso, impõem-se algumas perguntas:

Se a ciência não oferece suporte a uma cosmovisão religiosa do Universo, como dizia do Dr. Castro

Se a educação informatizada não consegue arrancar a juventude da armadilha da droga

Se o projeto de novas cidades não parece oferecer uma alternativa válida para uma vida mais humana

Quais são então os recursos que temos em nossas mãos, para que os sinais incipientes de criatividade que despontam em nosso interior não sejam devorados por nossa própria sombra?

Que papel desempenha a arte neste processo planetário de expansão de consciência e de liberação de energia, que não parece que estejamos governando muito bem?

Se não pudemos traçar a ponte entre o Cântico Espiritual de São João da Cruz e o discurso do Método de Descartes, poderemos encontrar o vínculo entre o espaço de Einstein e o céu de Van Gogh?

A educação através da arte, como instrumento de integração humana e identidade cultural

Ramón Lema Araujo

No mês de agosto passado, levamos a cabo no Centro Cultural San Martín e no IMEPA, as II Jornadas Rioplatenses de Educação Através da Arte, deixando também a definição do funcionamento do CODEART (Comissão para a Educação para os países da Bacia do rio de la Plata). O tema destas Jornadas foi: “Identidade Cultural, Educação e Arte”, complementando-se depois com as VII Jornadas Argentinas realizadas no último mês de outubro. Nesse momento, procuramos que as reuniões por Regiões Culturais - preparatórias para o VII Encontro Internacional de Educação Através da Arte de 1989 – servissem para ir “conformando um mapa” do país, a ser apresentado nesse encontro. Quer dizer, continuar este relevamento iniciado com motivo das primeiras Jornadas Argentinas de outubro de 1969. Estas Jornadas também serviram para preparar o TEMÁRIO do VII Encontro Internacional de Educação Através da Arte de outubro de 1989.

Esta é, mais ou menos, a mecânica com a qual estamos trabalhando em Avellaneda. Porém, a origem de tudo isto foi anterior, certamente, em 1965. Já fazia muitos anos que estava trabalhando nisto. Depois de um extenso percurso por diferentes países e com o apoio - a sensibilidade, eu diria - de artistas e de alguns funcionários de Avellaneda, foi criado o “Instituto Municipal de Educação Através da Arte” (IMEPA). Em sua denominação, já estavam implícitos seus objetivos e sua orientação. Foi com esta denominação, o primeiro organismo governamental no país que ostentava esta orientação definidora de para onde apontava. E, por que eu quis que fosse assim, bem definidor o nome da Instituição, de “Educação Através da Arte”? Porque havia ficado profundamente gravado em minha lembrança, em minha sensibilidade, em minha memória, a experiência da “Escola ativa”. Eu fui aluno da “Escola ativa” - lá pelo ano 1940 - quando foi posta em prática a “escola ativa” - especialmente na Província de

Buenos Aires - e que, como tantas coisas em nosso país, as coisas ruins e as coisas boas, duram pouco (às vezes duram mais as coisas ruins que as coisas boas). Durou pouco esta experiência, mas era paradoxal, tinha sua explicação certamente, porque na Província de Buenos Aires, nessa época, havia um governador que era admirador de Mussolini e da famosa “reforma Gentile”, na Itália (Gentile - de orientação socialista - era ministro de educação de Mussolini) e essa experiência foi transladada para cá com a denominação de “escola ativa” ou “escola nova”. Quero dizer: a falta de cultura e informação de muitos professores que se iniciam na docência atualmente. Os professores, esses professores que, bem, eu me dou ao luxo de criticar desde dentro, como professor. Mas, todos nós os criticávamos permanentemente, quanto a seu esquematismo, a seu imobilismo. E, muitas vezes, quanto a sua falta de sensibilidade. E hoje, eu diria mais - porque com o tempo vão sendo agregados outros lastros. E, com relação aos professores atuais, sua falta de cultura, que faz que se perca esse sentido global que a educação tem que ter. Porque senão, se converte em algo absolutamente fragmentado, e em vez de integrar ou buscar a integralidade do ser humano vai fragmentando e dividindo mais. Com o que, a educação, a docência e o docente perdem, realmente, transcendência. Por ali, em tantas lutas, pelas quais passamos e continuam acontecendo, e pelas que acontecerão, por aí saem docentes que dizem: “depois de tudo, o docente é um trabalhador como qualquer outro”. E, alguma vez pensei: “têm razão, é um trabalhador. Mas depois, aprofundando, penso: como pode ser - como qualquer outro - se o docente trabalha com a vida do ser humano?”

O docente trabalha com a vida dos demais, então não pode ser nunca um “trabalhador como qualquer outro”, porque, talvez, eu possa modificar a forma de certos elementos ou coisas. E, talvez, isso não tenha tanta transcendência como estar trabalhando na vida da criança, cujos resultados ele mesmo talvez não veja, mas podem ser tão positivos e tão perigosos que, se os visse nesse momento, poderia ficar “aterrorizado” pelo que está fazendo, pelo que está produzindo, pelo que está fabricando

ou o que está pré fabricando. Ou, se está utilizando a memória para os clássicos “estereótipos” de que a escola se vale. Eu ia trazer para vocês alguns trabalhos, para ver todos os “estereótipos” que são transmitidos pelo docente. Mas tudo isto iria ficar muito longo. Não só os “estereótipos gráficos”, que são os mais conhecidos, o estereótipo dos passarinhos, da casinha de duas águas, a estradinha, as cores - o “estereótipo das cores”, um estereótipo que se aprofundou pouco: o marrom para os troncos, a folhagem verde (já sabemos que o 80% da luz é amarela, predominam os tons amarelos). O estereótipo das cores é tão “castrante”, talvez, quanto os outros estereótipos da forma. Depois, vem o “estereótipo da linguagem”, enfim, todos os estereótipos dos quais o docente se converte em hábil administrador e em hábil transmissor. E, quando surgem alunos que conservam algo de originalidade e fazem perguntas que inquietam o docente, este fica tremendamente nervoso porque, geralmente, os docentes querem que os alunos perguntem as coisas que eles querem - apesar de que os alunos dizem que sempre os professores e os mestres perguntam coisas que eles não sabem responder. O docente hábil procura “ângulos” nos quais essa mesma pergunta possa estar dirigida a uma percepção mais profunda, para que a resposta seja também diferente.

Então, essa intenção da criação deste “Instituto de Educação Através da Arte” quando eu vinha de percorrer extensamente o país. Havia percorrido muitíssimas partes do mundo e via tudo fragmentado - no interior o avanço é lento - apesar de uma tarefa de mais de vinte anos de persistência para que as pequenas oficinas, apoiadas pelas Secretarias Provinciais, Secretarias Municipais de Cultura, etc., se integrassem (as oficinas de cerâmica, de música, de pintura, de fantoches, etc., etc.). E isso custa tanto, porque os próprios professores vão fazendo ínsulas dessas oficinas. Pensam que unir-se e integrar-se é perder capacidade, perder qualidade e perder importância. Com alguns, conseguimos que se integrassem, e só então nessa integração começaram a descobrir a força, porque essa capacidade criativa aumenta em uma forma geométrica no aluno, já que ele começa a perceber, começa a ver como se amplia sua capacidade

expressiva e que tudo conflui, talvez, para um mesmo fim, que é o de sentir-se integrado e não fraturado em relação a seu próprio meio. Esta é uma tarefa lenta, mas é uma tarefa persistente. E aqueles que estão nela seguramente não vão ver os resultados, porque é essa disjuntiva que se apresenta, de estar na vida ou enfrentar a vida. Uma das frases clássicas é que “é preciso preparar o aluno para enfrentar a vida”. Prepará-lo para o “enfrentamento” é persistir em uma tarefa de fustigamento, em uma tarefa repetitiva e em uma tarefa de confrontação permanente, na qual penso, a escola não teria que ser mais nem um pouco cúmplice (já deu demasiadas evidências de que foi tremendamente eficiente nessa intenção). E então, quando H. Read visitava uma escola que eu tinha em Quilmes tínhamos grandes diferenças, apesar da antiga amizade que nos unia. Grandes diferenças, porque nós, os latino-americanos, estamos fazendo da educação através da arte algo absolutamente diferente. Por outro lado, não poderia ser de outra forma, porque a configuração de nossos territórios, a imensidade de nossa geografia, os conflitos e os problemas que temos são absolutamente diferentes dos que podem ter os americanos do norte e os europeus. E, certamente, os que têm os asiáticos e os africanos (em muitos casos ainda estamos assistindo ao nascimento da independência de muitos países africanos, é algo emocionante que, geralmente passa inadvertido neste bombardeio de informações, e há muitíssimos países que estão nascendo a essas formas primigênicas da nacionalidade).

Nós mesmos estamos acedendo a descobrir - e aí vou à “identidade cultural” - a força que poderíamos ter junto com o resto dos países americanos se começássemos a olhar-nos um pouco para dentro - é como diz o Dr. Muñoz Soler, uma espécie de “implosão” de uma transcendência absolutamente revolucionária.

Isto não é um problema de tempo cronológico, é um problema de “tempo” (eu vou mudar dentro de um mês, não vou mudar pelo calendário a partir de 1º de janeiro, nem nada parecido). Não vou mudar nunca se for um problema cronológico, porque

nisso sim estamos de acordo, em que o homem é “acumulativo” - parece magnífico desde o ponto de vista da técnica - mas não deve ser acumulativo desde o ponto de vista psicológico, porque aí é quando vem o lastro da experiência que é com o que vamos “educando” pouco a pouco as crianças. Por isso, elas perdem a originalidade. Picasso que era um grande conhecedor e tinha uma coleção grande de trabalhos infantis, dizia que “É preciso olhar a vida inteira com olhos infantis”. O que queria dizer Picasso com isso? É preciso olhar a vida inteira desde o inédito, desde a originalidade, e essa originalidade é patrimônio de cada ser humano e, ao mesmo tempo, é um patrimônio coletivo de uma região, de um país e da humanidade - como dizia Saint Exupéry - “os homens alguma vez foram crianças, lástima que o tenham esquecido”.

Neste “*racconto*” brevíssimo que estou fazendo, eu me perguntava, lá por 1965, quando busquei esta integração no mundo sensível das crianças, acerca dos questionamentos ou das proposições, do ponto de vista educativo - e vinha de percorrer algo muito interessante: em Montevideo, algo que muitos uruguaios desconhecem (são essas coisas que vão ficando envelhecidas no tempo, todo o edifício parece vetusto). E um dia entrei ali no Museu Pedagógico, na Biblioteca do Professor, que está em pleno centro, e lá estão todos os “sistemas”: Pestalozzi, Decroly, Montessori. É como percorrer em uma sala todos os sistemas de quase 200 anos. Que interessante! Porque tinha uma visão global do esforço de tantos talentos, de tantos gênios que vislumbraram essa necessidade de não impedir o crescimento do homem, já na criança. Esse crescimento a nível de sensibilidade, esse crescimento para penetrar nas coisas e não ser vítimas. Ou às vezes, sem dar-nos conta, ser cúmplices de toda uma estrutura - como se falava nas Jornadas Rioplatenses, realizadas recentemente em Buenos Aires - dessa simbiose que se dá entre o dominador e o dominado. Um pouco disso acontece com todo esse manejo da informação, na qual nos cansamos com tudo o que vemos diariamente. Porém, ocultamente, terminamos amando aquilo que nos dão através dos meios de “comunicação de massa”. É uma simbiose trágica, é uma espécie de “*eros*” e

“*thánatos*”, o amor e a morte - que nisso está tudo. E, em 1965 eu havia feito uma espécie de “telegráfica” (interrogante telegráfico): bom, mas o que é a educação? Fora das outras definições aceitas. A educação teria que ser uma transação entre o homem e seu meio? É a extração de todos os poderes internos das crianças? A educação, interpretamos como fornecimento de informação? E aí me encontrei dizendo: “que importante”. Porque talvez a educação teria que ser, partindo da “educação através da arte”: uma espécie de “transação” entre o aluno e o professor (ambos se põem de acordo, para chegar a um determinado fim, para trabalhar em relação com algo determinado, com uma determinada proposta). E pensava que, talvez, essa fosse uma definição bastante aproximada, porque o artista faz uma transação com o material - o artista não “odeia” o material. Não posso imaginar Michelangelo odiando o mármore, nem Van Gogh odiando os óleos, nem nada parecido (seus grandes problemas eram, descobri-los, senti-los, apalpá-los - amorosamente - para ir sentindo a pedra... descobrir os veios ou as figuras ocultas que poderiam ter...). Michelangelo não tinha raios X em 1400 para ver essas coisas, mas ele ia - creio que foi um dos primeiros campistas - acampar e ficava com seus ajudantes, procurando a pedra para depois levá-la de Carrara a Florença ou a Roma. Então, nessa proposta de transação me parece que está o “*quid*”, nosso ponto de partida para a educação através da arte. O docente inicia um trabalho de busca e vai fazendo-o conjuntamente com o aluno, não dissociado, não para impor, não para traçar determinados objetivos - porque eu vi coisas trágicas, digo trágicas pelas consequências, de docentes que programavam uma saída, uma visita a uma obra em construção, e os alunos ficavam deslumbrados no momento em que chegavam porque estavam funcionando as máquinas que faziam a massa. E o docente - como havia ido para ver a “obra” em construção, que era no interior e olhar a estrutura, as colunas, etc. - pouco menos que arrancava os alunos e os tirava disso que era tão atraente, que se havia dado no momento. Ou seja, faltava, indubitavelmente, um manejo, flexibilidade. Faltava talvez, uma sensibilidade de forma a que, partindo desse interesse, derivar

depois para os demais aspectos da obra, porque sabemos que de uma obra em construção pode sair tudo, chegar até a temática social: para que vai ser esta obra? Vai ser para morar, para escritórios, para um templo... como se diferenciam as estruturas? Podemos reconhecer as estruturas, para descobrir as funções que estão destinadas a cumprir de acordo com o projeto, de acordo com a forma, de acordo com o volume, etc., etc.? Então, tudo isso, que já parecia algo relacionado com a informação, me inquietava demasiado, me inquietava porque eu havia sofrido a frustração dos ensaios da “escola ativa”, porque abruptamente foram suspensas. E essas escolas, onde o aluno ia, trabalhava com muita liberdade – o museu vivo existia (não eram esses museus fechados com chave onde iam sendo colocadas as coisas que as crianças traziam, ou as doações, senão que era um museu que funcionava) - tudo isso, de repente desaparece. E por que desaparece? Porque os próprios funcionários se deram conta de que havia docentes sensíveis que queriam converter a escola em algo “não cópia da vida”, mas em uma continuidade da vida.

Esta é minha homenagem histórica àqueles docentes.

Porque se dava nesse caso absurdo, e continua se dando muitíssimas vezes, que as crianças iniciam temas como “minha família”, “meu bairro”, “meu povoado”, “minha cidade”, “meu país”, etc., mas não chegam a conhecer nada. Hoje, as crises são mais profundas porque posso dizer-lhes que, às vezes, nem sequer se pode sair (porque até faz pouco não se saía por razões burocráticas, porque a papelada era tão grande que o professor desistia de sair; e hoje, às vezes, não se pode sair por razões de segurança: este é outro problema a ser proposto, em outro nível). Porém, geralmente, o docente fazia da escola um “remédio” da vida. E então chegamos a este divórcio - tão bem indicado por Zanotti em “Escola e Sociedade no século XX” - no qual todo o resto da comunidade perde a noção acerca de que a responsabilidade são eles quem tem, em relação à escola. Além das doações que pudessem ser feitas para festividades, festejos, festas pátrias, etc. a família também se desentende, porque levam seus filhos à escola e

sabem que ali há profissionais... Então o docente também cria a espécie de separação, porque ele é o profissional, e quando ele chega a nível de direção, pior (chega à culminação da separação). O que é que o pai, a família, têm que intrometer-se com eles que estão fazendo o manejo, a condução do aluno? A escola se divorcia praticamente da comunidade, há uma dissociação entre a escola e a comunidade. Estuda-se a comunidade, mas se estuda a partir da escola. E depois a vida diária é totalmente diferente e fica fraturada. Nessa fratura, os argentinos continuam amadurecendo e continuamos crescendo. Além disso, terminamos cultivando essas distorções, não é verdade?

Então, estas verdades, “a educação como a extração de todos os poderes internos da criança”, a educação como “fornecimento de informação” (a criança “esponja” -de quando em quando é torcida, para ver se sai algo. E se não sair nada, continuam lhe metendo informação). A educação como “transação” entre o homem e o meio, transação, como proposta entre o docente e o aluno, são todas verdades parciais, indubitavelmente. O homem, como elemento “criado” (conforme a concepção da Igreja), deve ser educado e superar esse grande problema do “pecado original”. O homem, como “criatura biológica”, é um complexo sistema nervoso, e deverá ser educado então de maneira diferente.

A educação, então, não deveria restringir-se só a um treinamento dos músculos da mente nem a organizar as células cerebrais. Além disso, deveria pôr em jogo a totalidade da criança, todos estes pressupostos que existem realmente. Então, esse ensino ativo, essa aprendizagem orgânica, tem uma fundamental importância na proposta da educação através da arte. E há uma coisa curiosa: muitíssimas vezes se falou da “morte da escola” como estrutura. Eu fiz uma experiência, há mais de 25 anos - com alunos de diferentes graus. Formava praticamente um grau novo, partindo destas atividades desde o ponto de vista sensível, e é notável o resultado que obtive durante 5

anos (é paradoxal em minha carreira, que minhas experiências tenham sido longas, continuadas, em um país onde isto é um pouco milagroso). Uma experiência de 5 anos em uma escola pública, onde haviam desaparecido os graus, praticamente, se integravam eles de acordo com seus “interesses” e com sua “maturidade”, desde o ponto de vista intelectual e não desde o ponto de vista cronológico. Vejam vocês que em Avellaneda nós temos três níveis, mas ainda assim, apesar de que, às vezes, durante o ano passamos uma criança de um nível a outro. Temos que fazê-lo com muitíssimo cuidado, porque encontramos a resistência dos pais e às vezes do próprio aluno. E isso que nós não temos graus, temos níveis, com o que, chegamos às vezes à conclusão de que teríamos que mudar também o nome dessa denominação de “níveis” (a criança supõe que se estiver nos níveis B, C ou D, deve ser superior ao nível A: entramos nessa comparação que é tão destrutiva para os seres humanos. Vivemos comparando-nos, e além disso, cultivamos essa comparação com um entusiasmo esportivo).

Em lugar de viver sem uma confrontação, e sim em uma indagação profunda (o que estamos fazendo) - nos dedicamos permanentemente a olhar o que os demais estão fazendo: é uma característica “crítica”, eu diria, da frustração, porque gastamos uma enorme quantidade de energia em combater os esforços dos demais e nos esquecemos de dirigir essa energia para crescermos como pessoas, como indivíduos - e para crescer, inclusive, socialmente.

Todos sabemos que a arte é um desses fenômenos supranacionais, que vai além das ideologias, além talvez de formas pedagógicas. E ninguém pode dizer que Rafael tenha sido superior a Michelangelo ou que Picasso seja superior a Mondrian ou a Paul Klee ou a Van Gogh. E, está além da ameaça nuclear, das guerras econômicas, da luta pela conquista dos mercados, da luta pela dominação ideológica. E tudo isto em meio a gerações que vão passando (onde cada geração se especializa mais e mais, desde o ponto de vista tecnológico). E isto, às vezes pensamos, mais que uma aprendizagem é um

“adestramento”. Há um informe conhecido, “Os Cinco sábios” (que creio, foi editado por “Aliança”), que foi encomendado pelo governo da França para aconselhar uma reforma de todo o sistema educativo, que se chama “Aprender a Ser”. Nele está indicada profundamente esta disjuntiva de nossa época. Por toda parte estão se produzindo técnicos, engenheiros, educadores. E, cada vez mais, estes especialistas são incapazes de fazer frente ao desafio enormemente complexo da vida.

Todo o processo de “aprender” terminou em uma tremenda confusão, porque se acabou confundindo aprendizagem com aquisição de conhecimentos, com informação e com armazenar informação. A informação é importante em alguns aspectos, mas não deveria ser o mais importante, porque quando em um sistema ou em uma escola, o conhecimento se torna o mais importante, termina então o processo de aprender, de penetrar nas coisas, de indagar, termina com a curiosidade. No entanto, entre o conhecimento e a aprendizagem não deveria haver contradição, porque o homem é a totalidade e deveria funcionar como totalidade. Porém, quando tudo é absorvido pelo conhecimento e a informação - pelo exclusivo treinamento da mente - é quando terminamos dando uma tremenda importância à aquisição de coisas e degradamos nossa vida espiritual. Deixamos de viver criativamente e vivemos na trivialidade e no imediatismo.

Se escutamos música, se percebemos os sons da música e apreciamos os silêncios entre os sons, então só penetramos na totalidade da música, só percebemos a peculiar combinação entre som e silêncio (não esqueçamos que, quando Beethoven estreou uma de suas sinfonias, dedicada a Napoleão, os críticos o acusaram de exagerado, de esnobe, porque foi um dos músicos que percebeu a música que existe na ausência do som. Se vocês lembrarem nada mais que os compassos de sua 5ª Sinfonia, vão dar-se conta de que nenhum outro músico antes havia utilizado o “silêncio” ou a pausa em uma forma tão dramática). Creio que nestes dias cumpriu-se o aniversário da estreia da composição

de John Cage “quatro minutos e trinta segundos”. Em um jornal de Buenos Aires, um crítico musical, recordando este acontecimento, relatava a entrada na sala de concertos, de como John Cage se senta ao piano mas não toca, vai indicando com um gesto o final de cada movimento. E todos, que haviam ficado pasmos, dão-se conta de que, pela primeira vez, haviam ouvido sus próprios sons interiores, haviam escutado todo o som circundante, o que acontece sem que se perceba, haviam escutado essa combinação estranha que dá nosso próprio pulso, nosso próprio organismo funcionando. E isso é o que ele havia querido transmitir a seus ouvintes, que esperavam o formalismo, do ponto de vista da interpretação musical.

E eu me pergunto, quantos professores, às vezes, fazem esse jogo do “silêncio” com as crianças? (Porque nem sempre o bulício é trabalho, assim como nem sempre o silêncio é trabalho na escola. Porque se chega a esses extremos porque há docentes e diretores e reitores que estimam que, quando há silêncio total, a escola está funcionando bem. E outros que estimam que, quando há bulício não se pode trabalhar). Acontece comigo muitas vezes em que realizo iniciativas e, no momento em que as entrego aos alunos, me arrependo. Mas tenho valor e me controlo, e pouco a pouco a turma vai serenando, pouco a pouco vai desaparecendo essa ansiedade pela novidade e as crianças terminam trabalhando criativamente. Esse é o “tempo” que temos que dar aos alunos. Por isso, a educação através da arte propõe este desenvolvimento da sensibilidade, penetrar na vida interior das crianças, mas sem coerção. E tentando levar a sensibilidade à flor da pele. Quando Frank Cizek - que foi um precursor da educação através da arte, porque foi o primeiro a inaugurar em Viena uma exposição de desenhos infantis, no final do século passado - estava nessa luta, eu diria proselitista, com companheiros da Escola de Belas Artes, estava contra a arte acadêmica (aconteceu um pouco como com os impressionistas, quando inauguraram o salão dos “recusados” em Paris). Ele tinha essa luta com seus próprios companheiros, sua originalidade não encontrava saída. E os próprios professores a rejeitavam (“o senhor já vai ter tempo para criar”), como se para

criar fosse necessário o transcorrer do tempo cronológico, do tempo do calendário. A criação tem que ser estimulada permanentemente, porque não vai sair de pais hiperativos que não deixam seus filhos fazerem nada - e depois, aos 15 anos, de repente, querem que assumam e que façam tudo (e não vão fazer, se não o fizeram antes).

Isso é inevitável, aí talvez sim exista um processo lento, de erro e de acordo, mas que cada um tem que ir fazendo, é intransferível. Então, Cizek, que alugava um quarto em uma pensão, e vinham as crianças do dono da pensão. Para que o deixassem tranquilo, trabalhar e pintar, dava a eles folhas de papel e cores, e as crianças pintavam. E um dia, arrumando seu quarto, se deslumbra ante estes trabalhos das crianças e decide fazer uma exposição: “Esta é a criação que queremos que na Escola de Belas Artes nos seja estimulada”. Bem, foi uma revelação sensacional e ele apresenta, com muita ingenuidade, um projeto nas escolas municipais de Viena. Certamente, foi rejeitado (disseram, “isto não se pode fazer”). Continuou insistindo, até que no final deixaram-no fazer uma experiência de um ano. Depois disso, se translada a Londres e encontra ali uma boa receptividade. Mme. Richardson inaugura para ele uma exposição. Nesse catálogo, ele diz: “deixemos que as crianças cresçam, se desenvolvam e amadureçam”. O que mais poderia dizer no final de século!... Certamente, Conrado Ricci e toda a escola de psicologia de Bolonha e, em Roma, dão seu aval. Porque não nos esqueçamos que esse momento coincide historicamente com o descobrimento das cavernas de Altamira, com a arte do homem pré histórico, a arte das cavernas de Lascaux, do Sahara. Então, aí se faz todo um reposicionamento, tudo entra em ebulição. “Olhemos para a arte das crianças”, talvez possamos reconstruir o percurso da criatividade desde a arte pré histórica até nossos dias. Porém, há uma contradição, o homem pré histórico já tinha todo um percurso de experiência (seu entorno era muito mais complexo que o da criança). Mas Cizek descobre algo fundamental que depois dá aval a todo o romanticismo, com Schiller, H. Read lhe dá aval. Mas, de onde parte H. Read? Parte de toda essa utopia de Platão, em sua República. Quando H. Read publica “A educação

através da arte”, afirma um juízo contundente quando diz: “O homem é aquilo que faz, e sua maneira de fazer determina a qualidade de seu ser”. Então, isso é tão importante porque a educação através da arte tende a que a criança se cultive “fazendo”. Mas não era o excesso da “Escola ativa” e da “nova escola” - que foi muito tachada e criticada, e às vezes com razão - porque nela, os professores iam muitas vezes para o outro lado: era uma escola totalmente do “Trabalho”, onde o conhecimento ficava, às vezes, absolutamente relegado, e então ficava rompido o equilíbrio. Aqui se trata de pôr em ação os dois hemisférios que, infelizmente, toda nossa cultura ocidental deixou absolutamente de lado. Porque a educação através da arte tende a pôr em ação todo o universo da intuição, da imaginação, da fantasia, para depois equilibrar com o conhecimento, com o cálculo, com a análise. E, talvez, com a reflexão. Apesar de que, Rousseau - em seu “Emílio” - tenha dito que a reflexão não serve para nada. Então, esse fazer cotidiano, tentando estimular o mundo da imaginação, esse hemisfério da imaginação, pensamos que é importante insistir em toda uma escola que recebeu a herança do positivismo. Como a nossa escola, que foi tão nefasta para os argentinos, porque é uma escola cifrada no conhecimento, uma escola cifrada no cálculo, onde a imaginação ficou absolutamente marginalizada. E eu me pergunto se estas crises que temos, sociais e políticas, não só em nosso país, mas na América, não serão uma “crise da imaginação”. Ou se iremos superá-las com as taxas de lucros..., Polarizamos tudo através de formas econômicas e acreditamos que aí está a grande crise: quando a crise é toda a outra grande crise, que é muito mais profunda. É uma crise de medo, é uma crise de crescer em nossa imaginação e em nossa capacidade de elaborar hipóteses. Uma crise de valores.

Muitas vezes, aponte o excesso de informação, tão perigoso, de toda nossa escola (como um perigo). No entanto hoje, com a aparição da informática e da computação, devo dizer que talvez esse perigo, em alguma medida, esteja desaparecendo. Talvez, porque quando perguntavam determinada fórmula a Einstein na Universidade, ele dizia

que não se lembrava dela (e os alunos não podiam acreditar e riam). E ele dizia: “mas procurem em meus livros, que para isso os escrevi. Por que tenho que ter minha cabeça cheia de equações, de fórmulas...? E esse é o papel que temos que cumprir com a técnica, com a informática e com a computação. Armazenar conhecimentos e deixar livre a imaginação. Esse é o desafio que temos e esse é o medo que sentimos. Por isso, dizemos: “a invasão das máquinas”. E é por isso que podemos passar horas combatendo a TV, quando o importante seria “que proposta temos para um bom uso dos meios de comunicação”. Porque outra coisa é seguir fazendo o jogo da “não unidade”, quando existe falta de valor para crescer, é continuar com as ladainhas do subdesenvolvimento: não podemos chegar a isto porque não temos meios, não podemos conseguir aquilo... e é fazer o jogo dos que querem que não tenhamos o valor de crescer e de estruturar, de vertebrar nossa identidade.

Qual é o problema da identidade cultural? Resgatar certas coisas de nossos ancestrais, de nossas formas indígenas, de nossa cultura. Penso que temos que “vertebrar” essas formas, porque do contrário, seria acrisolar-nos ou creosotar-nos no tempo. Porque nossa cultura, ao chegarem os espanhóis no México e no Peru, espalhou-se em seguida por todo o sul da América. E eles se deslumbram com toda essa criação. Certamente, eles tiveram um deslumbramento muito maior que o deslumbramento do Renascimento. Falta-lhes, no entanto, flexibilidade para compreender uma cultura que era totalmente diferente daquela que eles possuíam.

E a pergunta é esta: vamos ter a suficiente flexibilidade para assimilar a enorme quantidade de interrogantes que a ciência está propondo e que talvez o faça de uma forma muito mais perigosa do que a questionada pelos políticos? Porque os homens de ciência não estão em nenhum partido político e têm uma força que é muito mais avassaladora. Não temos que enfrentá-la, não têm uma bandeira deste lado ou do outro, estão em tudo, em todos os âmbitos do mundo.

Vamos ter a suficiente flexibilidade para estar em um mundo em que as mudanças são cada vez mais aceleradas? Vejam que, até há alguns anos, a farmacopeia era identificável, comprávamos um produto, líamos e em seguida reconhecíamos pelo nome (o nome identificava). Mas, hoje tudo se tornou tão complexo que os nomes não têm nada a ver com as funções desse produto que compramos. Tudo se tornou tão complexo, que é algo já “*borgeano*”. Um pouco como esse conto em que o personagem vai ao Tibete e vê que estavam tentando, havia 3000 anos, encontrar o verdadeiro nome de Deus. Então chegam uns americanos e dizem: “mas, nós trazemos os melhores computadores. Eles vão rapidamente descobrir o verdadeiro nome de Deus”. Os tibetanos então os expulsaram e lhes disseram: “nossa busca é eterna, porque estamos vasculhando em algo que, ao mesmo tempo, estamos procurando criativamente. Talvez não queiramos saber qual é o nome definitivo de Deus, porque é tão infinito e tão múltiplo que, para que quereríamos chegar a sabê-lo? Vocês talvez cheguem a uma fórmula aparentemente científica, mas que vai ser tão mentirosa como a que nós estamos encontrando.

Então, essa proposta da educação através da arte, que vai ao mundo sensível, se orienta ao mesmo tempo, para o hemisfério do conhecimento. Quando eu comecei, em 1985, em Avellaneda, os professores das escolas da zona resistiam em mandar os alunos à “educação através da arte”. Quando alguns alunos começaram a vir, os professores descobriram “a mudança que ocorria nessas crianças”. Que flexibilidade, que abertura, que necessidade de indagar! Porque, entendo que essa é a atitude que deveríamos ter, não uma educação frontal, mas aquela daquele que se dedica às ciências puras, que não sabe que vai descobrir, mas está aberto a um espectro enorme - a nível de horizontabilidade. E, então, qualquer sinal é percebido porque ele não está frontalmente procurando algo. Está procurando em todas as direções (trabalha com uma amplitude absoluta e total). Essa é a atitude da educação através da arte: amplitude para integrar (sem necessidade de confrontar), penetrar nas coisas. Quando Paul Klee - quando a

escola Bauhaus fica fragmentada e se destrói, da qual um dia Hitler prende os professores e acabam com ela - vai Nova York e esse movimento se dispersa por todo o mundo, um dia um amigo lhe pergunta: “como podes tu viver aqui em Nova York, uma cidade tão imensa que vai te destruir?”. Ele responde: “Mas não, mesmo assim é tão interessante, porque eu caminho à noite pelas ruas e vejo os cartazes luminosos e vejo tantas coisas, e todos me estão fazendo sinais, todos me estão lançando mensagens”.

Claro, ele poderia ir viver em qualquer lugar, e em qualquer lugar iria perceber mensagens: na Sibéria, em Nova York ou na Patagônia (tinha uma sensibilidade aberta para receber). E um homem que tem uma sensibilidade aberta para receber é flexível frente a todas as mudanças que vão se produzir. Ele as produz, mas sem perder seu conceito ético. Apoia as mudanças, mas sem que essas mudanças tenham que significar a destruição ou a dor dos demais. Pensem se não é tão importante isto: é um momento em que, talvez, as mudanças poderiam destruir, absolutamente, a metade da Humanidade ou toda ela.

Porém, há outra coisa que, para finalizar, quero dizer. Insisto, e permanentemente conversamos sobre isto com docentes - agora vamos ir a Misiones (Argentina), depois vamos ir ao outro extremo, Santa Cruz, com docentes de todo o país. E aí, vou insistir outra vez em que a acumulação de informação e de conhecimento, em encher a memória com estatísticas, não dá uma garantia de que possamos fazer frente a esta complexidade da vida moderna, com capacidade e com qualidade. Isto ocorre quando estamos “vazios” interiormente (em mudança, estamos cheios de informação, cheios de memória e de estatísticas e de experiências). Quero dizer algo transcendente. Quando dizemos arte infantil, por que chamar de arte infantil, em relação com a arte do adulto? Chamamos de “arte infantil” a criação das crianças porque existe um ponto invisível, um fio de prata invisível que une estes extremos. E é na “originalidade” que ambos

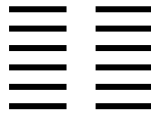
possuem. A originalidade que pode ter uma obra de arte feita por um adulto e a originalidade de uma criança pela falta de recordações, de memória e de lastro de experiência (depois de tudo, a luta do artista, do homem adulto, por criar, é esquecer tudo o que aprendeu e voltar a recuperar essa espontaneidade infantil). Porém, se se quer ir ainda mais longe - porque quando falamos de arte todos pensam em músicos, poetas, escritores, etc. - a educação através da arte não pensa em algo específico, desde o ponto de vista da profissão ou treinamento ou adestramento para algo determinado, mas como uma forma de vida, como uma forma de “estar na vida”, sem continuar cultivando uma estratégia de confrontação. Não pensamos que isto seja um messianismo nem nada parecido, mas estamos absolutamente convencidos (e depois de 30 anos de atividade, temos docentes que foram alunos que se iniciaram comigo), fica a mediana segurança de que, apesar de que isto não assegure a felicidade, nenhuma destas crianças que estiveram em contato com uma atividade criativa e criadora desejaria voltar a estádios anteriores. Mesmo que, de outra forma, talvez pudessem adquirir um adestramento para encontrar um recurso muito mais positivo em sua remuneração, em seu manejo do dinheiro, etc. E penso que é reconfortante. Porque está assegurando uma qualidade de vida. A educação através da arte - no fundo - tem esse antigo impulso que tinha Guillermo Enrique Hudson e que tinha Henry David Thoreau e Horacio Quiroga. Algum dia talvez possamos fazer um triângulo entre estes grandes solitários. Dizia Thoreau que “o importante é mudar a qualidade dos dias daquelas pessoas que se aproximam de nós”. A educação através da arte tem essa capacidade de “mudar a qualidade dos dias”, de maneira que cada dia tenha uma qualidade absolutamente original e diferente. E eu diria irrepetível, com o que, nos colocamos além de nosso próprio tempo cronológico e vamos em direção a essa totalidade que anelamos.

5ª Parte

Introdução ao Tema da Morte como Experiência de Integração da Vida Total

Ramón P. Muñoz Soler

Esta é a última reunião do Curso. Aproximamo-nos do “tempo do fim”.



Por isso, fecharemos nossas conversas com o tema da “morte”.

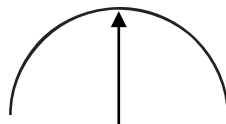
Em um relato de Castaneda, Don Juan diz ao discípulo: *“A morte sempre espera, ao lado esquerdo do guerreiro, que este conclua sua última batalha sobre a terra”*.

E, enquanto ela espera, nós faremos um breve exame retrospectivo das ideias e interrogantes que foram surgindo no transcurso das diferentes reuniões.

O tema central do curso foi, como podemos lembrar,

“A ciência frente aos confins do conhecimento”.

Nossa cultura, dizíamos, chegou a uma “fronteira difícil de cruzar”.



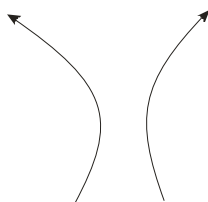
Esta fronteira nos apresenta uma “dupla face”:

por um lado, crise de “fragmentação” do
conhecimento;
por outro, “sinais de convergência”.

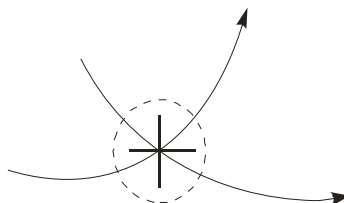
Esta “coincidência / contraditória de sinais” constitui o
paradoxo do signo de nosso tempo.

Quer dizer:

por um lado, vemos que o caminho do conhecimento se afasta do
caminho da vida,



mas, por outro, vemos aparecer no horizonte “sinais de
convergência”. Como se apresentam estes sinais?



Por dentro, como “revelação” da identidade do Ser.

Por fora, como diálogo transdisciplinar entre o pensamento científico e a
Tradição espiritual da Humanidade.

Esta contradição de sinais se fez patente na primeira reunião do curso quando eu
destacava a importância deste movimento de convergência na cultura de nosso tempo.
E, desde outro ponto de vista, o Prof. Castro (investigador em química quântica)

afirmava que a ciência atual, especialmente a Física, não oferecia nenhum suporte a uma cosmovisão religiosa do Universo.

O engenheiro Osvaldo Martínez, diretor do Instituto Interdisciplinar de Antropologia Filosófica da “Sociedade Científica Argentina” percebeu esta aparente contradição de mensagens e me disse: “Eu gostaria de conversar com o Professor Castro e com o sr. porque frente a esta brecha que o sr. apontou entre ciência e tradição, se dão, hoje em dia, diferentes posições: enquanto o Dr. Castro postula a contradição, Fritjof Capra (no Tao da Física) marca um paralelismo, e o sr. aponta para uma convergência.



A pergunta do engenheiro Martínez é indubitavelmente muito valiosa e sugestiva. E se presta, por outro lado, à polêmica epistemológica, filosófica e teológica. Eu não vou entrar no terreno da polêmica, corremos o risco de fazer de tudo isto uma nova escolástica. Porém, anteciparei para vocês o que penso e sinto a respeito.

Minha posição é a seguinte:

- A brecha que se abriu entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida não pode ser transposta nem por meio da ciência nem por meio da religião, mas por meio do homem.
- Para cruzar essa ponte, não basta um novo “sistema”, faz falta um novo “instrumento”.
- Esse novo instrumento já está sendo gestado. No indivíduo, através de um salto qualitativo no processo de transformação da vida. E, no espaço social / planetário, através de encontros humanos significativos.

Em outras palavras, esta ponte de união entre duas dimensões da vida até agora separadas, a matéria por um lado, o espírito por outro - o indivíduo e a sociedade, o homem e o cosmos. Essa ponte não pode ser criada através de um jogo especulativo da mente ou de uma fantasia do espírito, mas através de uma comoção profunda da própria vida.

Esta comoção, que hoje sofremos sem entender, é o signo que caracteriza o que podemos chamar de

“revelação pós moderna”.

Esta “revelação / comoção” se manifesta tanto na alma quanto no mundo, tanto na ciência quanto na mística, tanto na arte quanto na técnica. Em meu modo de pensar e de sentir estamos em presença de uma “nova revelação”. E esta revelação é única. Não há duas revelações, uma para o cientista e outra para o místico. A revelação é “Uma”, “Holofônica”, mas se manifesta através de uma “polifonia” de vozes e de signos.

Talvez a Física, como disse o Dr. Castro, não ofereça sustento algum para uma cosmovisão religiosa do mundo, sobretudo se se tomarem os resultados experimentais separados de seus princípios fundantes. Mas, se nos remetemos aos princípios dados pelos pais da Física moderna - que nas palavras do próprio Dr. Castro foram “cientistas / místicos” - a esse nível, os sábios e os santos falam o mesmo idioma. Nesses cumes do pensar-e-sentir, Einstein dialogou com Rabindranath Tagore, e David Bohm com Krishnamurti.

Falamos de “revelação pós moderna” (revelação/comoção).

Como se manifesta esta “revelação”, qual é sua mensagem, qual é sua técnica operativa?

O tema é apaixonante, mas ultrapassa os limites deste Curso. De qualquer modo, algo posso lhes dizer (e não gostaria de alarmá-los):

A revelação pós moderna se manifesta
através de diferentes caminhos, mas
todos eles passam pela morte.

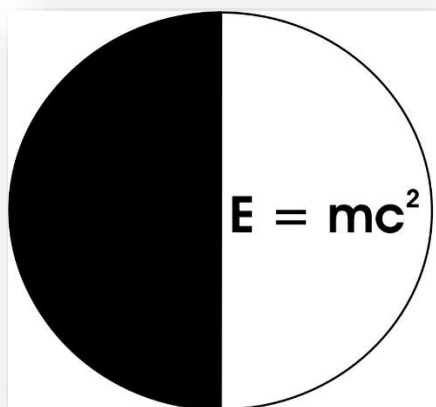
A morte foi expulsa de nossa civilização. Foi expulsa como “experiência da vida total” para ser substituída pela crença em um “além da morte” ou pelas técnicas de “prolongamento artificial da vida” (a indústria do cibernântropo). O que não quer dizer que as crenças ou a técnica não tenham valor, senão que são assumidas, habitualmente, como outras tantas formas de negação da “experiência” da morte.

Esta morte expulsa se volta hoje contra nós com renovado vigor, não só com o rosto maldito dos campos de extermínio da vida humana, da tortura, da violação da matéria, mas com outros rostos não menos ameaçantes, como os buracos por perda de ozônio, as drogas, a prostituição, o AIDS, e ainda sob disfarces psicológicos mais sutis, como o vazio existencial e a perda de sentido.

O signo de nosso tempo não é de equilíbrio, mas de “des-equilíbrio”: desequilíbrio ecológico, desequilíbrio financeiro, desequilíbrio político, desequilíbrio humano. Mas, ainda continuamos pensando que tudo isto é transitório e que voltaremos a um estado de equilíbrio. Como diz muito bem Thomas Berry, *“no tempo atual, não passamos de um problema à solução do problema, mas de um problema a outro problema”* (ginástica da nova era).

Todas estas situações de “desequilíbrio” são outros tantos rostos da “morte”. Porém, é que precisamente nestas zonas “afastadas do equilíbrio” (como diz Ilya Prigogine, Nobel de Química, e sua escola), nesses pontos singulares de ruptura de simetria, é onde pode se iniciar a mudança. Porém, em lugar de utilizar o “desequilíbrio” (e o poder des-estruturador da morte) como instrumento de evolução, continuamos ensaiando modelos de “equilíbrio” que, no final, terminam na frustração e na cristalização.

O “diálogo criativo com a morte” requer uma nova educação, científica / social / mística, uma educação que nos permita conquistar “a outra metade” da fórmula.



Não só o conhecimento para transformar a matéria cósmica em energia, mas a experiência para transformar a própria matéria em energia radiante e expansão de consciência. Isto requer um giro interior da força, o despertar de uma nova “função” humana, a reversibilidade de valores. É a nova aventura do homem: não só possuir a vida, mas transcendê-la. A reversibilidade de valores nos permitirá cruzar de forma efetiva o umbral que separa a vontade prometeica do homem terrestre, da consciência expansiva do homem cósmico.

Qualidade de vida e dignidade da morte

Rosa Maria Germ

Eu comentava há pouco com o doutor, que ele falava da “morte” e que eu não ia falar da morte, mas da “vida”, sobre a vida que fica a um paciente que tem uma enfermidade terminal, até o momento de sua morte.

Este é o fundamento da Fundação em que eu trabalho e que, como disse o dr., é a primeira experiência que se fez América Latina de um movimento que, neste momento, já é mundial, e que é o movimento “Hospice”. O diretor, que lamentavelmente não está neste momento na Argentina, não quis mudar o nome para “hospício” que seria a tradução, pela conotação que tem este último nome com as instituições para doentes mentais.

Eu vou lhes contar um pouco a história do que é o movimento “Hospice”. E isto traz a uma reflexão anterior, que é que todo paciente que tem uma enfermidade terminal, de alguma maneira, para os médicos - por coisas que eu também dizia ao dr.- através do avanço da tecnologia, através da mudança na distribuição da população (de viver mais em centros urbanos que no campo), o ser humano foi perdendo contato com essa realidade que é a morte, que é algo que todos tememos. Mas que, definitivamente, é a única coisa segura que trazemos ao nascer. É importante ter isto claro, porque é a única maneira, de poder trabalhar com este tipo de pacientes.

O movimento “Hospice” nasceu em Inglaterra há 21 anos, ou um pouco mais, da ideia de uma enfermeira, neste momento “Dama” do Império Britânico, cujo nome é Cecily Saunders. Esta enfermeira observou que, quando um paciente tinha uma enfermidade, havia toda uma atividade tendente a curá-lo. Mas, quando este paciente não tinha cura ou não respondia aos tratamentos, lentamente ia sendo abandonado pelos médicos, pelas enfermeiras (que no final eram as que tinham que atendê-lo como a

quem é passado um “pacote”). E, ao mesmo tempo, também pela família, que não estava preparada para enfrentar esta situação. Isto é real, nenhum ser humano, nenhuma família está preparada para enfrentar uma situação de terminalidade e aceitação da morte de um ser querido. Posteriormente, ela estudou medicina e formou-se médica para poder discutir de igual para igual conosco - que temos alguma coisa de onipotência - e criou um movimento que se estendeu. Neste momento, praticamente no mundo todo existem “Hospices” - Inglaterra, Canadá, Estados Unidos, Austrália...ou então, existe algum movimento similar ao “Hospice”. E conservamos a palavra “Hospice” pois, se vocês se lembram, é aquele lugar que, na Idade Média tinham os viajantes ou as pessoas doentes que precisavam ser cuidadas - para passar seus últimos dias, ou para ter um descanso e poder continuar sua viagem. Quer dizer, um lugar onde eles recebiam cuidados.

Este movimento tem alguns princípios fundamentais, nos quais se baseia também a Fundação, e é que todo paciente com uma enfermidade terminal é um “ser vivo” até o último minuto de vida que tiver. E, portanto, esse tempo que lhe fica de vida - que pode ser dias, semanas, às vezes anos (isto muda com respeito às crianças, pois o que se relaciona com anos, em geral, é para crianças) deve ser vivido com qualidade de vida e da forma que a pessoa desejar vivê-lo. Isso, para ter dignidade no momento da morte. Com isto, foram criadas uma técnica e uma metodologia, para assegurar ao paciente duas coisas fundamentais: primeiro, que ele vai ter um “papel protagonista” em sua doença, nesta etapa última de sua vida - que por ser a última é a mais importante. E em segundo, para poder viver com qualidade de vida, deve-se assegurar para ele que todos os sintomas que produzidos por doença vão ser “controlados”. E digo “controle de sintomas” e não controle da dor, porque a dor talvez seja o sintoma do qual todos temos mais medo, mas não é o único que um paciente pode ter. E tão incômodo pode ser o hipo que não é controlado quanto a dor. O terceiro princípio é que vai ser “acompanhado” até o final. E, posteriormente com a desapareição de um de seus membros, “ajudar a família” à reacomodação da trama familiar. Estes são os princípios

básicos do “Hospice”. Ou seja, oferecer o respeito ao paciente, assegurar-lhe que, dentro das possibilidades, não vai sofrer sintomas que o incomodem (e isto se consegue, em 95% dos casos). Ou, pelo menos, que o sintoma se torne tolerável em sua vida - aqui entra um princípio de “reabilitação”, que poderemos discutir depois - e que vai ser acompanhado, que não vai ser abandonado em nenhum momento, até o final.

Este movimento foi trazido aqui para a Argentina pelo diretor da Fundação, que é um psicanalista que trabalhou em um hospice de crianças e também de adultos. Uma Instituição de que faço parte, onde oferecemos, com base nos mesmos princípios, mas adaptando-nos à nossa realidade (não se pode transplantar uma experiência de outro país na sociedade na que nos cabe viver), e oferecemos assistência ao doente terminal.

Vou contar agora, um pouco de como funcionamos. Porque creio que isto é o mais importante - e quais são os diferentes aspectos que podemos ir encontrando nisto. Primeiro, que o cuidado de um doente terminal não pode ser uma tarefa isolada - como bem dizia o dr. A morte é algo que mobiliza nossas próprias angústias ante a morte (não a aceitamos, apesar de sabermos que vai acontecer para todos). E a sensação que se tem frente a um paciente terminal é a que move muitos de nossos próprios sentimentos. Então, esta tarefa é realizada por uma equipe interdisciplinar. Nunca olhamos para um paciente sozinhos. Discute-se e trabalha-se em equipe, onde se pode expressar todas aquelas sensações que também nos produz a assistência a um paciente terminal.

O primeiro ponto em que nós temos dificuldades, devido a nossa idiossincrasia, penso, é o do “papel protagonista”, que se enlaça com um conceito da “verdade”. Creio que todos, e ninguém deixa de percebê-lo, constituímos uma sociedade bastante negadora. E o conceito da verdade é um tema que nos custa muito assumir para que o paciente tenha o “papel protagonista”. Ter um “papel protagonista” significa que vão ser respeitadas todas as necessidades do paciente, físicas e emocionais. Ainda sua vontade de “não saber a verdade” - para o que, faz falta estabelecer um vínculo com

esse paciente, para que se possa ter uma leitura (aviso que na equipe nem todos somos psicanalistas nem psicólogos, eu sou pediatra). Mas, pode-se aprender toda uma técnica e uma metodologia, para ir tendo, através do vínculo com o paciente, uma leitura de que é isso o que ele necessita e o que é o que ele não quer. Estabelecemos então o “vínculo com a família”, para ir transmitindo isto e para restabelecer novamente as pontes de comunicação. O conceito da “verdade” é um conceito muito difícil de manejar aqui, não é como em outros países anglossaxões, onde todo paciente conhece seu diagnóstico, seu prognóstico, o que vai lhe acontecer. Aqui, em geral, a ideia (e o que se vê) é que nenhum paciente - eu diria que 90% dos pacientes não conhecem seu diagnóstico, ainda que todos, consciente ou inconscientemente saibam o que têm e que vão morrer. E se lhes for permitido e dado um espaço e um tempo para falar do que está sentindo, eles sozinhos vão chegando a “sua” verdade, à verdade do paciente.

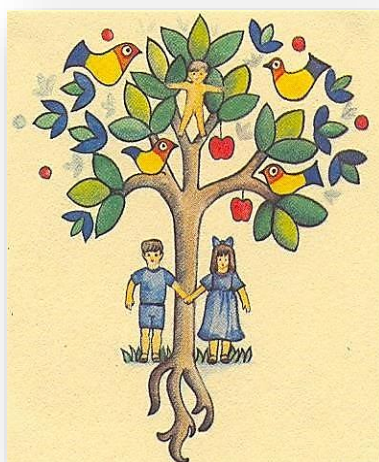
Isto, creio que é muito importante, porque é a única coisa que permite estabelecer o “papel protagonista”. Então, ele pode, nesta etapa de sua vida, resolver muitas coisas que, talvez sem esta possibilidade não poderia fazê-lo. Posso dar-lhes exemplos: até casar-se, legalizar uma situação que foi mantida durante anos não solucionada, a situação pode ser corrigida - e outras coisas que, com ajuda, podem ser arrumadas nesta última etapa de sua vida.

Esta é uma das maiores dificuldades, porque a primeira coisa que se vê quando um familiar consulta a Fundação é: “mas não vão lhe dizer o que tem”, “mas não vão lhe dizer a verdade”. Isto tem dois aspectos: um o do paciente, e o outro, também o da família. De modo que, deve-se trabalhar nos dois pontos. O segundo ponto é o do “controle de sintomas”. E isto tem a ver com algo ao qual se tende, que é demonstrar que um paciente pode viver bem, ser “reabilitado” na última etapa de sua vida. Um paciente que está prostrado por dor durante semanas, que possa ser controlado, que se levante, que coma com sua família, que saia para dar uma volta de carro, isto é “reabilitação”.

No controle dos sintomas, também encontramos muitas dificuldades devido a alguns temores e algumas ideias que existem. Sobretudo, pelo uso de morfínicos por via oral, porque há toda uma educação sobre o uso da morfina, que deve ser usada nos últimos minutos, quando já não aguentar mais. A ideia de que quando o paciente não aguentar mais é preciso desconectá-lo.

A outra coisa com que nos comprometemos é com o “acompanhamento da família”. Oferecemos assistência enquanto o paciente pode se mobilizar, pois não temos internação: vem à Fundação. E, quando não pode se mobilizar, nós vamos controlá-lo e acompanhá-lo em sua casa. Porém, essa segurança ele a tem, ou seja, que até o último momento vai estar acompanhado. E, posteriormente, se oferece à família a possibilidade de uma ajuda terapêutica, se quiser, se necessitar. Uma terapia de reacomodação na etapa de luto (isto é especialmente necessário quando aquele que morre em uma família é o pai ou a mãe de uma família onde há crianças - ou quando o falecimento é de uma criança).

Por isso, eu lhes dizia há pouco que não falamos da morte, senão que apontamos para a vida. De fato, o logotipo da Fundação é a “árvore da vida”. E nosso lema é “cuidar, além de curar”.



Agora, se alguém se perguntar por que acontecem todas estas coisas, eu creio que - como médica - também posso dizer porque o vivi em minha formação, em meus primeiros anos de médica - nos quais todos, creio, fomos formados para “curar”, e não aceitamos que, em realidade (como já o disse Hipócrates) muito poucas coisas podem ser curadas. Muitas podem ser prevenidas. Mas, sempre se pode “cuidar”, e este último princípio - “cuidar” - talvez seja o que tenha sido o mais esquecido. Porém, isto não se faz com um custo mínimo da equipe. O médico que abandona seu paciente porque está sozinho, não é que não lhe custe nada este paciente que abandona. Ele vai carregando muitas mortes acumuladas dentro dele, para as quais não tem resposta. Muitas vezes, se ouve: “o que haverá acontecido com aquele paciente que eu atendi...?” E, de alguma maneira, sempre lhe ficou como uma dúvida. Quando o médico, as enfermeiras e toda a equipe podem acompanhar o paciente até o final, também dentro de si eles têm resolvida essa morte (já que não fica como uma incógnita para eles ou como uma pergunta dentro deles). Isto também tem muito a ver com o desenvolvimento da tecnologia - como dizia o dr. - que não se está disposto a aplicar qualquer meio extraordinário de tratamento, contanto que se prolongue a vida. E eu me lembro sempre das palavras do Dr. Twyecross que esteve aqui no ano passado - que é uma das pessoas que mais escreveu sobre o controle de sintomas de doentes terminais, e é assessor da Organização Mundial da Saúde para o controle da dor no câncer - ele dizia que é muito mais importante acrescentar vida aos dias, do que dias à vida. Então, este é um conceito também importante para toda a equipe: de que se pode acompanhar o paciente, controlá-lo, responder a suas necessidades. Dar-se conta de que se pôde cumprir um aspecto da profissão para o qual não fomos preparados. E pensar que, aplicar qualquer técnica, contanto que se prolongue a vida, é perder de vista que um paciente pode “não querer” ser internado, ser submetido a hemodiálise, etc. Ou que não queira qualquer outro procedimento que não vá melhorar sua qualidade de vida. Esta é uma das “deformações” que produzidas pelo progresso da tecnologia, que é perder de vista que

aquele a quem se está atendendo é um ser humano. Por isso, nossa Fundação aponta para - como parte de um movimento que hoje é mundial - resgatar que, aquele que se tem que atender, cuidar, é um ser humano. E que esse ser humano está imerso em um contexto que é sua família, que também tem necessidades às quais é preciso atender.

Eu lhes dei os princípios básicos do trabalho que nós desenvolvemos. E preferiria que vocês me fizessem perguntas. Tudo isto pode ser aprendido, a técnica pode ser aprendida, mas é preciso ter algumas coisas como elementos necessários. Este é um trabalho que pode ser feito ou não, este é o primeiro elemento a reconhecer. Isto não é inócuo, mas não causa dano se for feito em equipe. E não é inócuo se, como em todo trabalho, puder ser encontrada uma “gratificação”. O conceito de “gratificação”, dentro deste trabalho, tem que ser encontrado. E, ainda que vocês não acreditem, é gratificante. Quando se pode acompanhar um paciente, falar com ele, ver que pode chegar até a “aceitação” e até a “resignação”. Que se pode ajudar a família, acompanhá-la no luto e ver que se conseguiu através desse trabalho, mais do que se acreditava poder, sentimo-nos gratificados. Ou seja, que não se trabalha para o momento da morte, senão que trabalha para a vida do paciente. Trabalha-se para a vida da família que fica. Este é o aspecto gratificante que não se deve perder de vista, porque nada disto pode ser feito se não se sente uma gratificação, tanto pessoal quanto de equipe. Senão, seria algo insalubre, que ninguém faria.

Pergunta

Qual a filosofia que a sra. ou a Instituição sustenta, com respeito à eutanásia?

Dra Germ

Veja, de fato, o termo “eutanásia”, em sua etimologia, significa “bem morrer”. Não o conceito que foi dado pela medicina moderna, de utilizar métodos ou drogas para acelerar a morte. Se refletirmos sobre isto, no contexto do que estávamos falando,

“quem pede morrer?”: pede para morrer aquele que está sofrendo. Se um paciente não estiver sofrendo e estiver acompanhado, se não estiver em solidão, se estiver com sua família, nenhum paciente vai pedir para morrer, antes daquele minuto que lhe está destinado. Então, dentro deste conceito, a “eutanásia” não cabe. A eutanásia entra dentro do conceito daquele que pede que o matem porque está sofrendo. Se se puder conseguir que não sofra, nem física nem psiquicamente (certamente que algum incômodo pode existir), mas se ele não estiver sozinho, se se sentir acompanhado, dificilmente pedirá que o matem. Ou seja, a “eutanásia” não entra dentro do conceito de “Hospice”. Ela se contrapõe, ou melhor, para nós, fica diretamente anulada. A eutanásia não é proposta por nós. Se um paciente não estiver sofrendo e estiver acompanhado, não pedirá “eutanásia”, pedirá para viver, ainda que seja pelo tempo que lhe ficar, mas pedirá para viver.

Pergunta

A sra. localiza a “morte” como última parte do ciclo vital. Mas, eu localizaria mais a “velhice” como última parte do ciclo vital.

Dra Germ

Eu entendo tua pergunta. Entende-se por “ciclo vital” o período que vai do nascimento até a morte. Quanto durará, esse é outro aspecto. De fato, dado o avanço da medicina, a prevenção de enfermidades que antes matavam as pessoas em idade muito precoce (agora o pânico é o câncer, antes era a peste, a tuberculose, as infecções - porque não havia antibióticos). Ao estender-se a expectativa de vida, associa-se que o ciclo vital termina na velhice, o que não é verdade. O ciclo vital é o período entre o nascimento e a morte, e não do nascimento até a expectativa de vida atual, que está ao redor dos 80 anos.

Pergunta

Minha pergunta é: como é essa chegada até a morte?

Dra Germ

Tudo depende de como se tenha podido trabalhar. Quando se pôde acompanhar e conhecer esse paciente, quando chega o momento da morte é uma “aceitação pacífica”. Às vezes, isto não é conseguido. Mas não se deve esquecer de algo: ninguém morre como não viveu. Isto faz parte da história de cada um. Pode-se tentar ajudar, apoiar, mas no momento de uma doença terminal se aguçam todos os processos psicológicos e psicopatológicos que o paciente possuía, resolvidos ou não resolvidos, ao longo de toda sua vida. Pode-se tentar acompanhá-lo, ajudá-lo, mas de alguma maneira, cada pessoa morre como viveu. Mas, se se pode acompanhá-lo, o momento da morte é um momento tranquilo, e a família também está tranquila.

Agora, se a pergunta vai além, se nós fechamos o ciclo, aí sim, nós o fechamos. Termina no momento da morte do paciente e depois fica a família. Vai-se para o religioso, o filosófico, isso é algo em que nós não intervimos, respeitamos a decisão do paciente. Se ele pede acompanhamento religioso, o tem. Mas não o impomos, damos se quiser. E se quiserem impô-lo a ele, e ele não o quiser, tratamos de impedir.

Pergunta

Quero te fazer uma pergunta, você disse que é pediatra: existe alguma diferença nessa tarefa, entre tratar com crianças ou com gente mais velha: a criança também pode compreender a ideia da morte?

Dra Germ

Vou te responder em duas partes. Quanto às crianças, é completamente diferente. A criança vive a morte a partir de um mundo fantasioso. Das poucas pessoas que

trabalharam e escreveram sobre a “criança que está morrendo”, é Ginette Raimbault na França e que inclusive escreveu um livro muito lindo que se chama “a criança e a morte”. Para trabalhar com crianças e adolescentes é preciso ter um conhecimento muito claro do que é o desenvolvimento emocional normal de uma criança e de um adolescente. E quanto a falar da morte, tem-se que saber que uma criança não tem um conceito de “morte” como um fato irreversível (o de não voltar mais), até os 8 a 10 anos de idade. Por isso, quando uma criança aos 4 ou 5 anos pergunta sobre a morte, pergunta por curiosidade, mas não pode entender que a morte seja um fato irreversível. Pergunta desde o ponto de vista de sua curiosidade. E o que acontece é que nós lhe respondemos desde nosso medo: “não, não fala disso, como você pensa em perguntar essas coisas...”. O trabalho com uma criança é diferente. Mas, se se trabalha com uma criança ou com um adolescente, e perguntam em um momento sobre sua doença, se ele vai morrer, e se se estabeleceu um vínculo adequado, pode-se responder à criança que sim, ela vai morrer. E, contrariamente ao que a maioria pensa - e isto eu sei que comove - (se a morte de um adulto comove, comove muito mais a morte de uma criança ou de um adolescente), a criança ou o adolescente se tranquiliza. É como se se pudesse diminuir sua carga de angústia. Porque a criança tem outra característica que é que, de sua perspectiva de fantasia, percebe tudo o que acontece de uma maneira muito particular, sem todas estas valas e defesas que nós adultos colocamos. E, quando sente que algo está mal, tende a proteger o resto do grupo familiar. Então, não fala porque sabe que aquilo que fala produz dano à família. O mundo da criança é muito diferente. Se se pode trabalhar com a família e a criança, a criança necessita saber, quer respostas, e pode despedir-se. Ela se despede, obsequia suas coisas e tranquiliza a família. Nesse caso, a criança é mais um fator tranquilizador do grupo familiar que de si mesma.

Pergunta

Eu sou médica rural, tive oportunidade de trabalhar com doentes terminais. Em meios rurais é mais fácil porque a relação médico-paciente é mais franca, mais aberta,

mas chega um momento em que a família propõe “se não se pode fazer algo mais”. E agora, sobretudo com o avanço da tecnologia, alguém sugere o traslado a um centro de alta tecnologia, e a pergunta é, então: até que ponto essa alta tecnologia pode ser posta em jogo com um paciente terminal?

Dra Germ

Eu creio que tua pergunta tem dois aspectos. Um, sobre o que é o conceito de “terminalidade”. O conceito de terminalidade pode ser examinado de dois pontos. Um paciente pode entrar na etapa terminal de sua enfermidade e isso pode levar dias, semanas, meses (raramente um ano). Quero esclarecer que este conceito de “hospice” nasce, fundamentalmente, para os doentes com câncer - agora há todo um movimento para pacientes com AIDS e é diferente para doenças de crianças, porque há crianças que têm diagnóstico de enfermidades que se sabe que vão morrer em determinada idade, faça-se o que se fizer no momento atual da ciência. Ou seja, nesta etapa podem suceder muitas coisas, que é a etapa terminal, sabe-se que o paciente vai morrer, mas é “até o momento atual da ciência”. Um paciente que tem o diagnóstico de câncer de pulmão com metástase no fígado, no momento atual do conhecimento científico esse paciente vai morrer, qualquer que seja o tratamento que se fizer. Isto é o que se chama de “etapa terminal”, e depois vem outra parte que é a “fase terminal”, que se define como as últimas 48, 72 horas de vida. Isto é totalmente diferente. Nesta etapa, nos questionamos muitas vezes, se existem coisas para fazer. Por isso volto a recalcar que este é um trabalho em equipe. Quando nós temos dúvidas, diagnósticas ou prognósticas, temos um grupo de interconsultores aos quais pedimos opinião, não somente sobre a “terminalidade”, mas sobre os “tratamentos”. Porque nesta etapa, é onde a família mais tende a que se façam coisas: “E não haverá alguma droga mágica?”. E quando se procura, sempre se vai encontrar alguém que promete a cura mágica. Isso é o que se trata de evitar, que esta busca termine com a vida do paciente, antes que possa terminar sua própria enfermidade.

A outra parte da pergunta, eu creio que temos que ter claros dois conceitos. Um é a utilização dos “métodos extraordinários de tratamento” (chame-se respirador, diálise, ressuscitação ou reanimação). E eu creio que se se tem os esquemas claros, poucas vezes se propõem estas coisas. Se eu tenho um doente com uma enfermidade aguda – rápida degeneração de sua saúde - e eu sei que, se instrumento um tratamento extraordinário, vou levá-lo em pouco tempo ao mesmo estado de saúde que tinha antes, ou quase igual, nesta situação todos os métodos de “tratamento extraordinário” estão justificados. Porém, se eu tenho um paciente que tem uma enfermidade terminal, que eu sei que sua evolução vai ser até a morte e a perda progressiva da saúde - a aplicação de um método extraordinário de tratamento não tem sentido.

No entanto, por que se propõe esta urgência na etapa terminal? Porque nesta etapa, que é quando isto acontece, a família se angustia, sai correndo, chega ao hospital, não consegue explicar, e o médico faz o que está preparado para fazer: é uma coisa aguda para ele. “Aguda”, porque não conhece o paciente. Quer dizer, a família não estava preparada nem o doente controlado de forma a poder passar esta fase em sua casa. Em troca, se se tem diálogo com o paciente, definitivamente é o próprio paciente quem decide se quer ou não fazer o tratamento extraordinário que lhe é proposto. Porque o paciente, mais que viver, interessa-se por viver bem o que lhe fica de vida. E, mais que medo da morte, o que mais teme é a agonia e o sofrimento.

Pergunta

Como os pacientes chegam até vocês?

Dra Germ

Os pacientes chegam a nós por três vias: uma, que é muito pouco frequente, por derivação dos médicos. A segunda, também pouco frequente, é a consulta espontânea do paciente. E a terceira, e mais frequente – e, portanto, a mais difícil - é quando a

família nos consulta. Porque quando a família nos consulta é quando podem dar-se todas as situações que eu comentei: a situação de “mentira”. “Não vão lhe dizer”. “Como vou lhe dizer quem são vocês”? “Como digo como fiz contato?”. Este último requer uma resposta simples: digam “que contactou um grupo de pessoas que atendem pessoas que estão doentes como ele”, nada mais. O que depois sai da relação com o paciente já é coisa do grupo de terapeutas que vai atendê-lo.

Além disso, é o paciente que escolhe seu terapeuta, que pode ser a enfermeira, a assistente social, o voluntário que acompanha o médico, um dos psicólogos..., porque nisto também o paciente tem um “papel protagonista” (porque para trabalhar nisto faz falta sentir as emoções do outro e tentar aproximar-se do que o paciente sente, o próprio paciente tem que sentir que há empatia com essa pessoa). O paciente escolhe quem vai acompanhá-lo até o final, e nem sempre é o médico. Eu diria até que isso é pouco frequente.

Pergunta

Eu gostaria de perguntar..., quando se faz este tipo de trabalho, a “morte”, começa a ter um significado diferente na vida? Não sei se é clara a pergunta.

Dra Germ

Creio que o entendo e vou responder-lhe como pediatra. Se o que pergunta é se isto é tarefa para pessoas jovens, eu diria que não. Que não é bom que as pessoas que estão em idade, digamos de desenvolvimento, trabalhem nisto (esta é a razão pela qual se vê, por aí, que há enfermeiras muito jovenzinhas, muito boas enfermeiras, que terminam abandonando a profissão porque se encontram com isto e saem apavoradas). Eu creio que se chega a isto por decantação: creio que não se aprende da morte, tem que haver uma aceitação prévia da própria “morte” (entre aspas). Porém, creio que o que mais ensina (e isto posso dizer como pediatra) o trabalhar com doentes que estão

morrendo ensina sobre a vida. Se revaloriza a própria vida e a própria perspectiva quanto à vida. E isto é muito mais palpável quando se trabalha com crianças. trabalhar com crianças é, realmente, uma lição de vida.

Pergunta

Eu gostaria de fazer uma pergunta. A Instituição de vocês trabalha a nível internacional? Há intercâmbio? De que tipo? E, por outro lado, como é o sustento econômico: têm algum tipo de ajuda ou é totalmente privada?

Dra Germ

Ajuda? Não. Nós fazemos parte do movimento “Hospice” internacional, ainda que, segundo esse conceito, nós não somos um “Hospice” porque não temos lugar de internação. E no dia que tivermos, a internação vai ser tomada não como um lugar onde o paciente vai para morrer, mas como um lugar onde o paciente vai para passar uns dias para que sejam controlados os sintomas, para que esteja acompanhado e se faça um plano de seguimento domiciliar. Ou seja, que a internação máxima em um “Hospice” é de uns 14 dias.

Quanto à segunda parte da pergunta, isto não é um instituto privado, é uma Fundação. E, como toda Fundação deveria sustentar-se através de doações. Mas, como as doações praticamente não existem, temos uma tarifa fundacional, que a pessoa que pode abonar, abona. E, se não puder não paga nada (também compramos remédios para os pacientes). Os que podem pagar um pouco menos são visitados pelo Serviço Social e se ajusta a tarifa a suas possibilidades. Mas, a situação econômica não é nunca um impedimento para atender um paciente.

Pergunta

O só fato de que se vai morrer, ao dizer a uma pessoa que o levam a um lugar e ela começa a pensar “como será esse lugar?”

Dra Germ

O lugar? É uma casa, que tem a distribuição de uma casa, uma parte serve como sala de aula porque são ditados cursos de capacitação e de aproximação. E tem três salinhas (uma de jogos para crianças) e as outras duas para entrevistas.

Pergunta

Porém, eu me referia ao lugar da morte, como é o lugar aonde se vai quando morre? Qual é a atitude que vocês tomam quando um paciente começa a elaborar teorias acerca deste “lugar” da morte?

Dra Germ

Falar sobre sua própria morte? Escutamos, nada mais. Alguns pacientes chegam a falar da morte, porém, em geral, os pacientes não falam de sua morte, falam de tudo o que querem fazer enquanto estiverem vivos. Quando se conhece o paciente, não se alenta projetos que vão além de suas possibilidades ou do termo provável de vida... e o paciente vai “negociando”. Há um livro sobre “A morte e os moribundos” de Elisabeth Kübler-Ross, ela escreveu e descreveu - trabalhou com pacientes moribundos - quatro ou cinco etapas que o paciente vai transitando até o momento da “aceitação”. A primeira reação é de “ficar em branco” - como que não pode receber a notícia - depois vem uma etapa de “negação”. E mais tarde outra de “negociação” (bem, talvez, se eu fizer tal coisa, talvez aquele tratamento, dará certo). E depois, há uma etapa de “depressão” normal, tal como a descreve Kübler-Ross (uma etapa de depressão reativa). A seguir, uma etapa de “depressão preparatória” - assim ela a chama - até uma última

etapa de “aceitação”. É necessário conhecer isto porque de acordo com a etapa em que se vê o paciente, se sabe se se pode ou não intervir - ou que é que o paciente quer me dizer com o que está dizendo. Em geral, os pacientes, quando já “aceitam” que têm uma enfermidade terminal não falam da “morte”, o que perguntam é se vão sofrer. E começam a projetar o que é o que querem fazer até o momento de sua morte que talvez não tenham resolvido ao longo de sua vida (e isto é um direito que não se pode tirar do paciente). E se permanentemente se nega sua situação, o paciente morre mal, morre sozinho e não porque exista algum malvado no filme (nem a família é má nem o paciente por suas reações agressivas, de negação, etc.). Por isso, digo novamente que se procura uma ponte de comunicação entre a família e o paciente.

EPÍLOGO

A pergunta, aqui é **o que aconteceu** no transcurso das cinco reuniões do Curso?

Neste momento, eu não farei uma avaliação do Curso como ideia, mas a reflexão como **método**, como “acontecimento”.

Não vamos nos deter no que se disse, mas em **como** se disse.

Não vamos falar da relação (interdisciplinar) entre os diferentes domínios do conhecimento que aqui foram tratados (ciência, arte, educação, filosofia da cultura, assistência ao doente terminal), mas da configuração de forças que foi se delineando por interação entre as pessoas (holograma humano).

Em meu modo de ver, a mensagem do curso não aparece por escrito em nenhuma das partes do discurso, nem tampouco na reunião de todas essas partes. É preciso ler a mensagem nos “padrões de interferência” entre os mensageiros. E esta é a característica fundamental da mensagem do novo signo do tempo.

O “holograma humano” é como o holograma técnico. Para vê-lo é preciso iluminá-lo com luz adequada. É preciso pôr algo de si para vê-lo. E que é o que se vê? Se vê o “Todo-e-as partes”. E o que é esse “algo” que ponho de mim para ver a mensagem? Não é um algo, mas um “alguém”: sou eu mesmo. É o ingresso do sujeito como instrumento de investigação, mas já não como simples observador, mas como “participante”. A participação faz possível a “visão”. Sem participação não se vê nada.

Quando o “ser total” é o sujeito e o objeto do conhecimento, a epistemologia da ciência da passagem à ciência da vida.